

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

PATRÍCIA POLIZEL CULHARI

**A ESCOLHA DO ENSINO TÉCNICO: O QUE REVELAM AS
TRAJETÓRIAS DE SEIS EX-ALUNOS CONCLUINTES
DO CURSO DE ELETRÔNICA (1984 – 1995)
SOBRE A ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PAULINO BOTELHO**

SÃO CARLOS-SP

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**A ESCOLHA DO ENSINO TÉCNICO: O QUE REVELAM AS TRAJETÓRIAS
DE SEIS EX-ALUNOS CONCLUINTES DO CURSO DE ELETRÔNICA (1984 – 1995)
SOBRE ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PAULINO BOTELHO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

AUTORA: PATRÍCIA POLIZEL CULHARI

**A ESCOLHA DO ENSINO TÉCNICO: O QUE REVELAM AS TRAJETÓRIAS DE
SEIS EX-ALUNOS CONCLUINTEs DO CURSO DE ELETRÔNICA (1984 – 1995)
SOBRE A ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PAULINO BOTELHO**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da
Universidade Federal de São Carlos, como parte dos
requisitos para obtenção do Título de Mestre em Educação.
Área de Concentração: Fundamentos da Educação.**

Orientador: Prof. Dr. Paolo Nosella

SÃO CARLOS-SP

2010

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

C967ee

Culhari, Patrícia Polizel.

A escolha do ensino técnico : o que revelam as trajetórias de seis ex-alunos concluintes do curso de eletrônica (1984 – 1995) sobre a Escola Técnica Estadual Paulino Botelho / Patrícia Polizel Culhari. -- São Carlos : UFSCar, 2010. 66 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2010.

1. Ensino técnico. 2. Trajetória escolar - ensino técnico. 3. Educação e trabalho. 4. São Carlos (SP) - instituição escolar - Escola Técnica Estadual Paulino Botelho. I. Título.

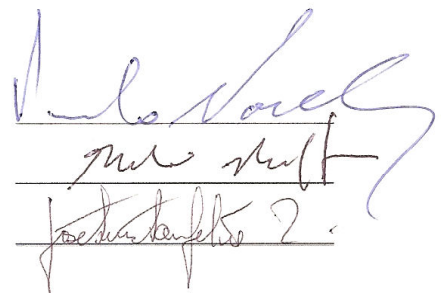
CDD: 373 (20^a)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paolo Nosella

Prof^a Dr^a Ester Buffa

Prof. Dr. Jose Luis Sanfelice



Handwritten signatures of the examiners, corresponding to the names listed on the left. The signatures are written in blue ink and are placed over horizontal lines. The first signature is for Paolo Nosella, the second for Ester Buffa, and the third for Jose Luis Sanfelice.

Àqueles que a cada dia exemplificam o
que é amar:
meus pais e Fernandinho.

A todos aqueles que se
dedicam à pesquisa.

“É provável por um defeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da escola libertadora, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural”
(BOURDIEU, 1998).

AGRADECIMENTOS

Ao longo de todo o caminho traçado na pós-graduação deparei com pessoas que, cada uma com seu modo de ver a vida, contribuíram para a minha formação intelectual e pessoal.

Aos meus pais e Fernandinho, pelos ensinamentos de disciplina, de amor, de respeito, de dedicação e de perseverança;

À tia Edna, por todas as páginas e páginas que me proporcionou ler;

Ao amigo e Professor Paolo Nosella pelos ensinamentos dentro e fora da sala de aula;

À Professora Ester Buffa, pela delicadeza e objetividade;

Ao Professor Sanfelice, a quem tenho imenso respeito e admiração, agradeço as sábias palavras de sempre, em todos os lugares;

Aos colegas da turma de mestrado e doutorado de 2008;

Aos meus amigos, pela amizade pura e sincera;

Ao Rafa, por todo amor;

E, especialmente, a todos da ETE Paulino Botelho,

Muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa visou estudar e analisar as trajetórias de seis dos ex-alunos do curso técnico em eletrônica, da atual Escola Técnica Estadual Paulino Botelho, antiga Escola Profissional de São Carlos. Nosso objetivo foi explicitar de que forma os futuros profissionais técnicos ingressaram na escola e quais os motivos que os levaram a escolher um curso técnico, desvelando, assim, os condicionantes sociais, econômicos e culturais que os direcionaram para esse nível de ensino. Aspectos históricos e sociológicos do ensino profissional no Brasil e na cidade de São Carlos foram resgatados, sendo estes essenciais para entendermos a relação entre a Escola pesquisada e a sociedade que a produziu, assim como, estudos bibliográficos que refletem e analisam educação, trabalho e instituições escolares. As motivações e frustrações que encontramos para realização deste estudo também foram registradas aqui. As fontes utilizadas foram as entrevistas concedidas pelos seis ex-alunos encontrados. Nelas, eles relataram suas trajetórias familiar, escolar e profissional. Entendemos, portanto, que essa escolha pessoal profissional não é fadada ao acaso e que condicionantes econômicos e socioculturais dão a direção para que jovens ingressem no ensino técnico brasileiro. A Escola Técnica Estadual Paulino Botelho cumpre seu papel, habilitando jovens para atuarem no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Educação e trabalho. Ensino técnico. Trajetórias escolares e profissionais;

ABSTRACT

This research aimed studying and analyzing the paths of six alumni of the electronic technical course, from the actual Escola Técnica Estadual Paulino Botelho (Technical State School Paulino Botelho), former Escola Profissional de São Carlos (Professional School of São Carlos). The main goal was revealing the ways the future technical professionals entered the school and also the reasons which have led choosing a technical course, revealing thus the social, economic, and cultural constraints that conducted to this level of education. There were recalled important Historical and sociological aspects of Professional Teaching in Brazil and in the City of São Carlos in order to understand the relationship between the researched school and the society that has produced it, as well as, bibliographical studies which reflect and analyze education, labor and educational institutions. The motivations and frustrations found during the achieving of this study are also registered. The resources used were interviews granted by the six alumni, where they have reported their personal family, educational and professional trajectories. Therefore we believe such personal professional choice isn't bound at random and that economic and sociocultural conditions are guidelines so youngsters enter in the Brazilian technical teaching. The Escola Técnica Estadual Paulino Botelho fulfills its role by enabling youngsters entering the work market.

Key words: Education and labor. Technical teaching. Educational and professional trajectories.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	11
1.2 PROCEDIMENTOS E METODOLOGIA UTILIZADOS	12
1.3 FONTES E ESTRUTURA DO TRABALHO	16
2. ASPECTOS HISTÓRICOS	18
2.1 O ENSINO TÉCNICO NO BRASIL	18
2.2 O ENSINO TÉCNICO EM SÃO CARLOS	26
3. O QUE REVELAM AS TRAJETÓRIAS DOS SEIS EX-ALUNOS	30
4. OS EX-ALUNOS E AS SUAS TRAJETÓRIAS	35
5. CONSIDERAÇÕES	52
6. REFERÊNCIAS	57
7. APÊNDICES	62
7.1 REGISTRO DE EXPEDIÇÃO DE DIPLOMAS – LIVROS N° 05, 06, 07.	62
7.2 MENSAGEM ENVIADA POR E-MAIL AOS EX-ALUNOS LOCALIZADOS	65
7.3 ROTEIRO PARA TRAJETÓRIA	66

1. INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre a história e a filosofia de Instituições Escolares é apaixonante, no sentido de que “as singularidades de uma instituição escolar conferem paixão e emoção aos discursos teóricos gerais. Sem paixão e emoção, as pessoas não têm a desejável motivação para se envolverem em projetos de mudança social, condição essencial do método dialético” (NOSELLA, 2008, p. 57).

Porém, para que essa investigação seja relevante à historiografia, defendemos a ideia de que os estudos devem sempre ser feitos a partir da reconstrução histórica, considerando que “o conhecimento histórico é o ato inteligente de registro e compreensão da realidade histórica” (LAPA, 1981, p. 23).

E é com essa investigação, sobre uma instituição educacional, onde mostramos o seu papel a partir de seus atores coadjuvantes, os ex-alunos, que pretendemos revelar a evolução histórica dessa instituição, à luz de seu modelo educacional, sem esmaecer a sociedade que a produziu.

Riscar esta linha histórica dos acontecimentos investigativos da “antiguidade” até a modernidade fez-se necessário para a confirmação de uma linha de pensamento e para a construção dos “andaimes” capazes de sustentar a pesquisa investigativa.

A definição do lugar onde pretendíamos viabilizar a pesquisa já era próximo a nós, ou seja, um modelo de Instituição Escolar que há tempos na cidade de São Carlos vem confirmando a especificidade da formação escolar para o trabalho. Trata-se da antiga Escola Profissional de São Carlos, hoje denominada Escola Técnica Estadual Paulino Botelho. Pertencente ao Centro Educacional Paula Souza, a escola escolhida situa-se à Rua Marechal Deodoro, nº 3.183, Vila Nery.

1.1 Apresentação do problema

Esta pesquisa teve como interesse estudar e analisar as trajetórias de seis dos ex-alunos do curso técnico em eletrônica, da atual Escola Técnica Estadual Paulino Botelho, antiga Escola Profissional de São Carlos.

Partimos do pressuposto de que o estudo de trajetórias escolares revela ao pesquisador um conjunto de disposições interiorizadas que nascem no ambiente familiar e são refletidas no mundo social, nesse sentido:

O estudo de trajetórias escolares e profissionais é um recurso metodológico importante para se compreender as necessidades que a sociedade, numa dada época, tem de determinados profissionais, como também a própria inserção desses profissionais na sociedade (NOSELLA; BUFFA, 2000, p. 72).

Revelar de qual forma os futuros profissionais técnicos ingressaram na escola e quais os motivos que os levam a escolher um curso técnico, desvelando, assim, os condicionantes sociais, econômicos e culturais que os direcionaram para esse nível de ensino é nosso objetivo aqui.

No entanto, foi preciso identificar os elementos presentes nessas trajetórias coletadas que indicaram a busca pela formação técnica.

Para isso, buscamos em Pierre Bourdieu orientações, uma vez que tal autor é responsável por ter desenvolvido estudos sobre trajetórias, considerando-as intrinsecamente ligadas ao capital cultural herdado da família e à posição social, ou seja, elementos que, em conjunto, reúnem fatos ligados a posições e processos sociais imprescindíveis para a compreensão dos sentidos dessas posições.

Atitudes como ascensão social, colocação instantânea, durante ou ‘pós-conclusão’ do curso, no mercado de trabalho e prematura independência financeira são apontadas como atitudes que influenciaram esses ex-alunos a escolherem esse nível de ensino oferecido: nível técnico.

1.2 Procedimentos e metodologia utilizados

Mas, o que nos motivou a escolher essa Escola para pesquisa?

Em estudos recentes de Iniciação Científica, pesquisamos o impacto do ensino técnico em relação aos profissionais (professores e diretor) da Escola Técnica Estadual Paulino Botelho, por meio da leitura do livro que discute os primeiros tempos da escola em que eles trabalham: “A Escola Profissional de São Carlos” (BUFFA; NOSELLA, 1998). A partir dos resultados apontados em tal trabalho, surgiu a ideia desta pesquisa.

Dos depoimentos recolhemos informações importantes, como as mudanças no ensino técnico ao longo dos anos – por exemplo, a oferta dos cursos oferecidos pela Escola (fundição, marcenaria, eletrotécnica) quando se instalou em São Carlos (1930) – e o desaparecimento de alguns deles para o surgimento de outros, como: elétrica, mecânica, informática.

Dentre os depoimentos daquela época, destacamos o do Professor Antônio de Godoy, ex-aluno e atual professor da ETE Paulino Botelho.

Em entrevista concedida nos corredores que dão acesso aos laboratórios de eletrônica da escola, o professor nos confessou que, atualmente, os jovens brasileiros procuram o ensino técnico como forma de ascensão social, por entenderem que não poderão chegar ao ensino superior, julgando ser essa a melhor escolha para uma ascensão socioeconômica. Tal premissa mostra-se como importante e fundamental para a construção do que era um Projeto de Pesquisa e, agora, resultado de estudos.

Tida como uma das mais importantes Escolas Técnicas do interior de São Paulo, a ETE Paulino Botelho atua no município de São Carlos desde 1932, na formação de técnicos em diversas habilitações:

Destinada a formar trabalhadores especializados, essa escola representava o reconhecimento explícito do trabalho manual como princípio educativo pedagógico. A partir daí, o ensino profissional constituirá um importante ramo na escolarização do município, refletindo, portanto, a criação do parque industrial brasileiro e paulista (NOSELLA, 2002, p. 87).

Hoje, além do ensino médio, oferece sete habilitações profissionais: Habilitação profissional de técnico em Administração, Habilitação profissional de técnico em Eletrotécnica, Habilitação profissional de técnico em Eletrônica, Habilitação profissional de técnico em Enfermagem, Habilitação profissional de técnico em Informática, Habilitação profissional de técnico em Mecânica e Habilitação profissional de técnico em Mecatrônica.

A escola, de caráter público, é constituída atualmente por: cinquenta e oito docentes, novecentos e nove alunos, vinte e sete classes, sendo seis de ensino médio (que funcionam no período da manhã,) e vinte e uma de cursos técnicos, das quais dezesseis são noturnas e cinco vespertinas. O núcleo administrativo é organizado por meio da permanência de um diretor, assistentes de direção e coordenadores de área (cada curso possui um coordenador).

A vontade em tê-la como objeto de pesquisa veio crescendo a partir dos encaminhamentos e resultados dos estudos de Iniciação Científica.

Já foram registradas pesquisas que revelam a história dessa Escola desde sua instalação até o ano de 1971, quando passou a ser chamada de Colégio Técnico Industrial, propondo formar o técnico de nível médio, elo entre o engenheiro ou cientista e o trabalhador qualificado, como destacou a notícia do jornal oficial da Escola naquela época “O Jovem Técnico”. Isso tornava fácil a delimitação temporal para iniciarmos os nossos estudos.

Finalizaríamos o percurso com os acontecimentos do ano de 1996, em que vigorava no Brasil a Lei nº 9.394/96, publicada no Diário Oficial de 23 de dezembro do mesmo ano.

Delimitadas as datas, 1971-1996, nós nos propusemos, então, a investigar quais as evoluções e transformações ocorridas na ETE Paulino Botelho durante esse período. Por meio de leituras sobre o ensino técnico no Brasil, legislação, estudo sobre instituições escolares, entrevistas com ex-alunos(as), notícias de jornais da época, depoimentos de professores, funcionários, acervo documental da escola, que desde então, disponibilizou-nos seus arquivos bibliográficos, conseguiríamos responder às perguntas-problema do nosso objeto: Qual seria então o modelo de escola para os nossos jovens? Quais os interesses políticos que estão escondidos em todas essas modificações que a ETE Paulino Botelho sofreu?

Quando se iniciaram as pesquisas de campo, adentramos com muita facilidade pela porta principal da Escola, no entanto, restrições foram surgindo.

O primeiro contato foi com o Diretor, o Professor Antonio Maurilo Barreiro Villas Boas, a quem entregamos o Projeto de Pesquisa. Após termos sua conscientização para estudar a ETE Paulino Botelho, fomos apresentados à secretária responsável pela Secretaria Acadêmica, órgão responsável pela escrituração escolar, pela expedição e registro de documentos escolares, pelo fornecimento de informações e dados para planejamento e controle dos processos e resultados do ensino e da aprendizagem.

Ao expormos os objetivos da pesquisa e sua delimitação histórica, a secretária responsável, explicitou-nos que seria impossível pesquisar, ou até mesmo encontrar, todo e qualquer tipo de material – arquivos, fichas, prontuários, diários escolares e boletins – que fizessem referência a década de 1970: “A Paulino Botelho não possui nenhuma informação sobre seus ex-alunos desta época. São anos que queremos esquecer!” (Depoimento Oral).

Com sua simpatia e gentileza nos mostrou que, a partir de 1980, os arquivos escolares dos ex-alunos estavam totalmente organizados, limpos e conservados dentro de armários na Secretaria Acadêmica. Sabemos disso, pois fizemos questão de entrar no sujo e empoeirado “arquivo morto” da Escola.

Localizado a metros de distância e ausente de qualquer convívio escolar, na sala do arquivo não encontramos nenhum resquício de informação sobre os alunos formados na década de 1970. Apenas fichários muito antigos, com papéis embolorados e informações que datavam da época de criação e instalação da escola e finalizava em meados e fins da década de 1960.

Diante disso, reestruturamos a pesquisa a partir das restritas fontes disponibilizadas pela Escola. Foram elas:

1) Cursos, Registro e Controle do Resultado Final de Rendimento Escolar – Livro de Notas.

2) Registro de Expedição de Diplomas; Livros nº 05, 06, 07, anos de 1980 a 1996. Todas localizadas nos armários de arquivos da Secretaria Acadêmica, pesquisados em Agosto de 2008.

Foram então coletados 484 nomes, entre os anos de 1984 e 1996, de alunos que cursaram os cursos de Eletrônica, Eletrotécnica e Mecânica. Foram então eles os principais cursos oferecidos pela então Escola Industrial durante as décadas de oitenta e noventa. Os cursos técnicos escolhidos são assim justificados, pois foi no início dessas décadas que a era da eletrônica estava chegando à cidade de São Carlos. Não à toa, esse curso foi um dos mais procurados pelos jovens são-carlenses em busca de uma profissionalização.

Maurilo, em entrevista concedida em 2006, revela ter sido ele o precursor em instalar na cidade a sensação europeia dos anos 1980: o videocassete, inaugurando uma videolocadora.

Expandindo para a macrorrealidade, Andrade (2008, p. 59) destaca que

O pano de fundo de tal fenômeno é constituído pelas transformações que vêm ocorrendo no âmbito da base produtiva brasileira, especialmente a partir dos anos de 1980, marcadas pela introdução de novas tecnologias (equipamentos de base microeletrônica) e, principalmente, de novas formas de organização do processo de trabalho. Tais transformações passaram a colocar em pauta a necessidade de formação de uma força de trabalho preparada para lidar com aquelas inovações tecno-organizacionais

Assim, a recuperação das trajetórias percorreu o seguinte caminho: foram coletados 484 nomes, nos períodos de 1984 e 1996, entre os cursos de eletrônica, eletrotécnica e mecânica, utilizando-se somente os materiais que a escola pôde nos disponibilizar.

Iniciamos um processo de busca, onde o próximo passo foi pesquisar e encontrar o maior número de ex-alunos a partir dos nomes recuperados nos Livros de Registro de Expedição de Diplomas.

Como a Escola não dispunha de informações atualizadas de seus concluintes, utilizamo-nos da internet para tentar localizá-los. Criamos um e-mail para, a partir dos nomes e endereços eletrônicos localizados, enviarmos uma mensagem¹ com o intuito de

¹ Ver Apêndice B.

conseguirmos entrar em contato com o maior número de pessoas, já que, em muitos casos, colegas da mesma turma costumam ter notícias uns dos outros.

De fato, localizamos alguns sujeitos, mas o contato não ocorria. Contatos por e-mail e telefone foram feitos, mas não eram efetivados. Uns se recusavam imediatamente; outros se interessavam quando liam que a intenção era resgatar suas trajetórias escolares e profissionais e encaminhavam mensagens cheias de elogios e disponibilidades para conversa. No entanto, quando o contato ia se efetivando cada vez, nada se resolvia.

Foi um trabalho árduo. Como se estivéssemos debaixo de muito sol forte, água batendo em nossas canelas e muito pedregulho na peneira.

No entanto algumas luzes reluziam. De 484 nomes coletados, apenas seis ex-alunos, curiosamente todos do curso de eletrônica, concordaram em responder ao Roteiro de Trajetória.²

Diante de todos esses empecilhos, o resultado que apresentamos aqui é uma análise das seis trajetórias dos ex-alunos que nos levou a compreensão do papel da ETE Paulino Botelho.

O recorte histórico delimitado (1984 a 1995) e o curso de nível técnico concluído pelos ex-alunos (eletrônica) foram baseados nos dados por eles apresentados, dando assim significado ao objeto investigado.

1.3 Fontes e estrutura do trabalho

Como fontes, utilizamo-nos das respostas contidas no Roteiro para Trajetória enviadas pelos concluintes localizados, estudos bibliográficos baseado em autores que realizam trabalhos de investigação, reflexão e análise das relações entre o ensino técnico brasileiro com o público destinado a ele.

Organizada em três capítulos, esta pesquisa traz no Capítulo I o estudo das evoluções do ensino técnico no Brasil e no município de São Carlos, e os antecedentes históricos da Escola Técnica Estadual Paulino Botelho juntamente com suas evoluções e transformações.

No Capítulo II revela o porquê de estudarmos trajetórias para desvendar o papel social da Escola em que são produzidas. Considerações teóricas que nortearam a análise dos condicionantes presentes nas trajetórias familiar, escolar e profissional dos ex-alunos que contribuíram para a realização do nosso estudo foram fundamentais para tal entendimento.

² Ver Apêndice C.

No Capítulo III apresentamos os seis ex-alunos da ETE Paulino Botelho que foram localizados e suas trajetórias familiar, escolar e profissional.

Nas considerações finais, é apresentada uma síntese das análises e alguns questionamentos apontados durante os estudos.

2. ASPECTOS HISTÓRICOS

2.1 O ensino técnico no Brasil

Neste capítulo, privilegiamos a análise de fatores históricos e econômicos relacionados ao ensino técnico, uma vez que se faz necessário apontar esses questionamentos para compreender a prática dos agentes sociais envolvidos nesse nível de ensino.

Destacamos aqui as principais mudanças estruturais, a inauguração do ensino profissional no Estado de São Paulo e no município de São Carlos, sempre à luz da Instituição investigada – ETE Paulino Botelho.

Cunha (2005c, p. 6) aponta-nos que,

No tempo da Colônia e do Império era nítido a quem se dirigia o ensino artesanal e manufatureiro: aos miseráveis, aos órfãos, aos abandonados, aos delinquentes, enfim, a quem não podia opor resistência a um ensino que preparava para o exercício de ocupação socialmente definidas como próprio dos escravos (...)

ou seja, agentes destinados a uma qualificação pejorativa do trabalho manual.

Nas últimas décadas desse período, os ofícios manufatureiros³ ainda não estavam sistematizados, não haviam tomado formas escolares. Somente no início do século XIX que as primeiras propostas no campo do ensino de ofícios manufatureiros aparecem. Fundamentalmente filantrópicas, essas iniciativas eram voltadas à educação de crianças órfãs e pobres.

Foi com a vinda da Família Real que novas propostas para a formação de artífices surgiram. Originaram de iniciativas civis, do Estado ou da ligação de ambas, num contexto de aumentos da produção manufatureira em meados desse mesmo século. Estabelecimentos Militares, as Casas de Educandos Artífices, a Academia de Belas-Artes, os Liceus de Artes e Ofícios e a Escola Industrial são os principais estabelecimentos do período Imperial voltados ao ensino de ofícios manufatureiros

³ O *ensino de ofícios manufatureiros* refere-se aos processos educacionais voltados para o trabalho artesanal e industrial incipiente, ministrado em escolas de artífices que concediam habilitações à sapataria, tornearia, mecânica, entre outros. Ocupa uma posição intermediária entre o *ensino de ofícios artesanais*, que consiste em processos não sistemáticos, desenvolvidos em oficinas, ensinados pelos mestres de ofício, e o *ensino de ofícios industriais*, caracterizado pela formação padronizada sob processos sistemáticos e regulados, com controle dos resultados e ministrados em escolas ou centros de formação profissional (CUNHA, 2005a. apud STEFANINI, 2008, p. 52)

Os formandos pelo Liceu seriam operários empregados na produção de mercadorias destinadas ao consumo material. Os formandos pela Academia seriam produtores de mercadorias destinadas ao consumo simbólico, fora do circuito imediato da acumulação do capital e sob outras relações de produção, mais ligadas ao trabalhador por conta própria e submetidos ao mecenato (CUNHA, 2005a, p. 167).

No final do século XIX, os Liceus, principalmente do Rio de Janeiro e de São Paulo, prosperavam e davam forma ao que chamaremos mais tarde de Ensino Técnico Industrial.

Os questionamentos, estudos e análises se configuram desde que, com a mineração e o desenvolvimento do mercado interno crescendo no país e com a acentuação de segmentos sociais médios, confirma-se em uma estratificação social mais intrincada que a do período anterior – o colonial.

Com os caminhos que nos levavam a Independência Política, a camada que se configurava passava a fazer parte da demanda educacional, antes restrita à classe oligárquico-rural. Diante disso, Romanelli nos confirma que foi “a Constituição da República de 1891 que instituiu o sistema federativo de governo, consagrou também a descentralização do ensino, ou melhor, a dualidade de sistemas (...)” (ROMANELLI, 1978, p. 41).

O sistema escolar configurava-se a partir do reflexo da nova organização da sociedade brasileira. Emergia-se uma “heterogeneidade de composição social popular, pela divergência de interesses, origens e posições” (ROMANELLI, 1978, p. 41).

A história do ensino médio, ou secundário, como se chamava naquela época, é fadada pelo enfrentamento da tensão causada entre educação geral e educação específica; escola para a elite e escola para os pobres; ensino propedêutico ou profissional. O Professor Jorge Nagle (1974), citado por RIBEIRO (1984, P.87), ressalta a importância desse assunto. Diria ele que:

a manutenção dos padrões tradicionalistas no ensino secundário e a permanência da ideia de que o ensino profissional (elementar e médio) destinava-se às camadas menos favorecidas acaba por agravar o problema referente às distintas formações: um conjunto de escolas propiciava a formação de ‘elite’ e, outro, a do ‘povo’.

Se fossemos traçar uma linha do tempo para a educação profissional brasileira, o marco inicial seria dado no ano de 1909, quando o então presidente Nilo Peçanha assinou o Decreto 7.566 em 23 de setembro, criando inicialmente 19 “Escolas de Aprendizes Artífices” subordinadas ao Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio. Tal cenário “inicia-se no Brasil (...) com a criação de 19 escolas de artes e ofícios nas diferentes unidades

da federação, precursoras das escolas técnicas federais e estaduais” (KUENZER, 2007, p. 27). Antes mesmo de atender às demandas industriais de um país pobre de “modernidade”, a autora relata ainda que essas escolas destinavam-se a “educar pelo trabalho, os órfãos, os pobres e os desvalidos da sorte, retirando-os da rua.”.

No Estado de São Paulo o ensino profissional foi oficialmente organizado em 1911. De início foram instaladas duas escolas na capital paulista: uma de artes industriais para o público masculino e outra para o público feminino de artes domésticas e prendas manuais. Sua criação se deu ao mesmo tempo em que o governo federal implantava as Escolas de Aprendizes Artífices.

A crise econômica mundial de 1929 desacelera a produção agrária do país e incentiva o seu desenvolvimento urbano industrial.

(...) a evolução de um modelo exclusivamente agrário-exportador para um modelo parcialmente urbano-industrial, afetou o equilíbrio estrutural dos fatores influentes no sistema educacional pela inclusão de novas e crescentes necessidades de recursos humanos para ocupar as funções nos setores secundário e terciário da economia. O modelo econômico em emergência passou, então, a fazer solicitações à escola (ROMANELLI, 1978, p. 46).

Já durante os anos de 1929 até 1932 podia-se notar um clima de efervescência industrial no Estado de São Paulo, favorável, portanto, ao início de suas atividades. Era, portanto, a sutil industrialização, chegando em terras brasileiras trazendo a necessidade de formar técnicos especializados. Essa iniciativa do governo federal veio unida com a ideia de incentivar a formação de mão de obra nacional para o mercado de trabalho.

A estruturação da rede de ensino tinha como objetivo a substituição do trabalhador estrangeiro pelo nacional. No final da década de 1920, havia mais de seis escolas em cidades do interior paulista, momento em que ocorre a expansão da indústria paulista. A criação delas representou uma resposta do Estado de São Paulo à formação de mão de obra para o mercado de trabalho:

A mobilidade e as variações da população, devidas não só às correntes imigratórias, mas as próprias migrações internas, especialmente para a região meridional; o surto do industrialismo dos Estados do Sul e, sobretudo, São Paulo, para onde já se deslocara o centro de gravidade demográfica do país, e para os quais afluíu a população atraída como por um ímã irresistível, polarizando em melhor padrão de vida e salários mais altos (...) acarretavam transformações da mentalidade, como deviam determinar as de instituições e crenças características da vida brasileira, criando uma atmosfera francamente revolucionária nos grandes centros urbanos (AZEVEDO, 1971, p. 667).

Como se pode notar, o dualismo entre ensino propedêutico para os dirigentes e ensino profissional para a classe trabalhadora vem se arrastando desde o início do século XIX, produzindo trajetórias escolares e escolas distintas:

Desse modo, a formação de trabalhadores e cidadãos no Brasil constitui-se historicamente a partir da categoria dualidade estrutural, uma vez que havia uma nítida demarcação da trajetória educacional dos que iriam desempenhar as funções intelectuais ou instrumentais, em uma sociedade cujo desenvolvimento das forças produtivas delimitava claramente a divisão entre capital e trabalho (...) (KUENZER, 2007, p.27).

Marcado por diferentes momentos, o ensino profissional presencia evoluções nas leis que o determinam. O primeiro momento é marcado pelo Código de Educação de Estado de São Paulo, em 1933, que determinou as diretrizes que a ETE Paulino Botelho deveria seguir desde seu início. O decreto-lei de âmbito federal, a Lei Orgânica do Ensino Industrial de 1942, a Lei 6.052 de 3 de fevereiro de 1961 e a Lei 5.692 de dezembro de 1971, mais tarde a Lei 7.044 de 1982 foram as seguintes.

A Reforma Capanema de 1942, por iniciativa de Gustavo Capanema, trouxe as Leis Orgânicas do Ensino que estruturaram o ensino técnico-profissional. Romanelli (1978, p. 155) destaca o Art. 67:

Art. 67 – O ensino industrial das escolas de aprendizagem será organizado e funcionará, em todo o país, com observância das seguintes prescrições:

I – O ensino dos ofícios, cuja execução exija formação profissional, constitui obrigação dos empregadores para os aprendizes, seus empregados.

II – Os empregados deverão, permanentemente, manter aprendizes, a seu serviço, em atividades cujo exercício exija formação profissional.

IV- As escolas de aprendizagem serão colocadas nos estabelecimentos industriais a cujos aprendizes se destinam, ou na sua proximidade.

XII – As escolas de aprendizagem darão cursos extraordinários para trabalhadores que não estejam recebendo aprendizagem.

Naquele momento, a guerra mundial instaurada continha a exportação de mão-de-obra especializada, o que obrigava o Brasil a profissionalizar seus jovens. Para reduzir as importações de produtos industrializados era preciso “expandir o setor industrial brasileiro, e com isso absorver mais mão - de - obra qualificada (...). Daí o recurso para o engajamento das

indústrias no treinamento de pessoal. Esse recurso terá seu desdobramento com a criação do SENAI” (ROMANELLI, 1978, p. 155).

Durante o governo do general-presidente Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), governo de mais absoluta repressão, violência e supressão das liberdades civis de nossa história republicana, um Grupo de Trabalho, composto por nove membros, entre eles Valmir Chagas, coordenado pelo Ministro da Educação Jarbas Passarinho – que à época defendia a ideia de que, ao fim da adolescência, todos deveriam exigir condições de qualificação para ingressarem na força de trabalho; pretendendo ou não prosseguir estudos em nível superior; tivessem ou não, capacidade ou motivação para fazê-lo – divulgou estudos que resultaram na “Lei de Diretrizes e Bases do Ensino de 1º e 2º graus – Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971” (CUNHA, 2005c, p. 173), a qual estabeleceu a unificação do sistema de ensino de 1º e 2º graus.

Segundo Cunha (1977, p. 125), “A lei nº 5.692/71 pretende que o ensino médio tenha terminalidade como característica básica, manifestada através do ensino profissional”, ou seja, esse ensino deve “proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania”.⁴ “É importante lembrar que a essa finalidade se assegura a necessidade de conter as demandas dos estudantes secundaristas ao ensino superior, que havia marcado fortemente a organização estudantil no final da década de 1960” (KUENZER, 2007, p.29). Além disso, “à hipocrisia da Lei nº 5.692 que propõe uma escola única numa sociedade que produz cidadãos cada vez mais desiguais” (BUFFA; NOSELLA, 1991, p. 55).

Kuenzer(2007, p.30) reafirma,

As dificuldades relativas à implantação do novo modelo complementadas pela constatação de que, por razões várias, a euforia do milagre não se concretizaria nos patamares esperados de desenvolvimento pretendido, fizeram com que a proposta de generalização da profissionalização no Ensino Médio caísse por terra, antes mesmo de começar a ser implementada, através do Parecer nº 76/1975, que restabelecia a modalidade de educação geral, posteriormente consagrada pela Lei nº 7.044/1982. Essa legislação apenas normatizou um novo arranjo conservador que já vinha ocorrendo na prática as escolas, reafirmando a organicidade da concepção de Ensino Médio ao projeto dos já incluídos nos benefícios da produção e do consumo de bens materiais e culturais: entrar na Universidade.

⁴ BRASIL. Lei nº 5.692. Fixa as Diretrizes para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. In: São Paulo. Secretaria da Educação. *Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1971.

Os militares de 71 confirmaram na história da educação brasileira a bandeira do dualismo escolar. Isso ocorreu quando, durante o período ditatorial, o Brasil, que estava avançando industrialmente, consolidou-se como uma sociedade urbano-industrial, alcançando uma “modernização autoritária” e estabeleceu a profissionalização obrigatória no ensino de 2º grau, transformando o ensino secundário e industrial em um único sistema. Assim, estabeleceu-se a profissionalização obrigatória na educação secundária, unificando o ensino à indústria.

A profissionalização universal e compulsória no ensino de 2º grau, que continuou com os mesmos três anos do 2º ciclo (quatro, se houvesse estágio), pretendia assim, desviar para um mercado de trabalho que estava em expansão (que se supunha por longo tempo) parte dos jovens que se candidatavam ao ensino superior, diminuindo a pressão sobre as universidades públicas, que ofereciam cursos de melhor qualidade e gratuitos, vantagens comparativas de grande valia (CUNHA, 2005c, p. 15).

Entretanto, os esforços da Lei nº 5.692 não surtiram bem. A demanda do ensino superior não foi reduzida e muitos cursos do 2º grau profissionalizante disfarçaram-se de propedêuticos, pois não conseguiram atingir os objetivos reais de formação profissional.

Diante do fracasso da então sonhada profissionalização universal pelo 2º grau, o governo federal resgatou uma proposta já discutida na reforma universitária em 1968: “multiplicação dos cursos de curta duração, localizados não no interior das universidades (...), fora delas, principalmente em certas escolas técnicas federais” (CUNHA, 2005c, p. 206). Surge a então “cefatização”⁵ das escolas técnicas.

Concomitante a essa decisão do governo federal, os dirigentes paulistas criaram, por meio do decreto-lei de 6 outubro de 1969, na gestão de Roberto Costa de Abreu Sodré, o Centro Educacional de Educação Tecnológica de São Paulo, inicialmente assim denominado. Mais tarde passou a chamar Centro Educacional de Educação Tecnológica Paula Souza. Tinha como objetivo ministrar cursos técnicos de nível médio e superior.

A “cefatização” das escolas técnicas da rede federal constituiu, então, uma versão anacrônica e anônima das universidades do trabalho que foram criadas na Europa e na Hispano-América (...); (...) apresentou na verdade, um desvalor dessas instituições pela manutenção de sua situação apartada da universidade (sem objetivos), quer dizer, mais uma forma pela qual se

⁵ Ver nota 10 em Cunha, 2005c, p. 206.

processa a reprodução ampliada da dualidade da educação brasileira (CUNHA, 2005c, p. 211).

Foi com o Parecer nº 76/1975 que se recuperou a educação geral, o que faz a Lei nº 5.692 perder sua força. Com Lei Federal nº 7.044/82, as escolas foram libertas da obrigatoriedade da profissionalização, ficando a critério do estabelecimento de ensino criar a oportunidade de aplicá-la.

Assim reconhece o documento elaborado pelo governo para a Educação Profissional:

(...) essas leis (a de nº 5.692/71 e a de nº 7.044/82), além de se constituírem no principal fator determinante da falta de identidade do ensino médio, geraram falsas expectativas diante da educação profissional, bem como provocaram sua própria desqualificação, ao se difundir, caoticamente, habilitações profissionais dentro de um ensino de segundo grau “clandestino” e inserido no gigantismo de um primeiro grau em crescimento. (MEC/CNE. DCN para a Educação Profissional de Nível Técnico, Parecer CNE nº 16/99, p. 16 e 17.)

Nesse processo, a profissionalização obrigatória foi desvanecendo-se, de modo que, ao final dos anos oitenta e primeira metade dos anos noventa, quando após a promulgação da Constituição Federal de 1988, já não se via mais 2º grau profissionalizante no país, apenas Escolas Técnicas Federais (EFT), Escolas Agrotécnicas (EAF) e em alguns sistemas estaduais de ensino: “Dessa forma, retorna-se ao modelo anterior a 1971: as escolas propedêuticas para as elites e profissionalizantes para os trabalhadores; mantém-se contudo a equivalência” (KUENZER, 2007, p.30).

Durante a década de 1990 se consolida no Brasil o Projeto Político neoliberal, sob a pretensão de unificar o campo econômico (livre concorrência e do livre mercado de trabalho), contemplado pelos interesses dominantes dos Estados Unidos e das organizações internacionais, como Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, Organização Mundial do Comércio.

A sociedade se configura nesse contexto onde se tem a reestruturação produtiva e as mudanças no mundo do trabalho, produtos neoliberais legitimando a nova ordem estabelecida.

No panorama educacional, o governo de Itamar Franco, que assume após o impeachment de Fernando Collor de Mello (1990-1992), “avança no sentido de ter nos pressupostos neoliberais de educação (competitividade, qualidade) e na vinculação de seus programas com os interesses do grande capital a única saída possível para a crise da educação brasileira” (NEVES, 1997, p.77).

Ocorrem, portanto, mudanças nos encaminhamentos das discussões sobre a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases.

Dentre as principais características do primeiro projeto, destacaram-se a constituição de um sistema nacional de educação, com a antecipação de garantias de financiamento público, mecanismos de gestão e controle social, além da articulação e integração dos níveis e modalidades educacionais. Saviani, (2000) comenta que O Projeto de Lei aprovado rompeu com tais princípios, estruturando-se nos moldes da política neoliberal presente no programa de governo do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Em 1996, entra em vigência no Brasil a Lei nº 9.394/96, publicada no Diário Oficial de 23 de dezembro do mesmo ano. Em referência ao ensino profissional, a lei estabelece

a integração da educação profissional com as diferentes formas de educação, o trabalho, a ciência e a tecnologia (artigo 39), a articulação com o ensino regular ou outras estratégias de educação continuada (artigo 40), o aproveitamento dos conhecimentos obtidos através da educação profissional para fins de prosseguimento ou conclusão de estudos (artigo 41) e a oferta de cursos especiais abertos à comunidade pelas escolas técnicas e profissionais (artigo 42). Reforça-nos o autor que a indefinição de instâncias, competências e responsabilidades, revela seu caráter minimalista (SAVIANI, 2000, p. 215).

Com a incisiva interferência de órgãos internacionais de diferentes instâncias, a década de noventa é marcada pela globalização, temática, ou palavra de ordem, da época. Fato esse confirmado quando o Ministério da Educação, àquela época dirigido por Paulo Renato, encabeçou reformas em todos os níveis de ensino, a fim de adequá-las a tal estrutura.

O ensino médio tornou-se totalmente embrenhado de propaganda que induzia os jovens a frequentá-lo para que com as incertezas da contemporaneidade tivessem preparados a enfrentá-las.

Frigotto (2006, p.43) expõe-nos um contraponto entre as décadas de 80 e de 90:

Se o início da década de 1980 foi marcado pelo tema da democracia, o da década de 1990 é demarcado pela ideia de globalização, competitividade, produtividade, reestruturação produtiva e reengenharia, e “revolução tecnológica”. Um decálogo de noções de ampla vulgata ideológica em busca do “consenso liberal”.

Kuenzer (2000, p.26) assinala uma tendência de a especialização ser progressivamente deslocada aos níveis mais altos de escolarização, refletindo um estreitamento do acesso ao conhecimento. A formação do “novo homem”, que integre ciência, tecnologia e trabalho, destina-se somente aos mais privilegiados, menos suscetíveis ao risco

da precarização. A recomendação do Banco Mundial condena o investimento em formação especializada, cara e prolongada para a população que ocupará os cargos “que restam”, muitos na informalidade, sob formas de trabalho intensificado e com poucos direitos.

2.2 O ensino técnico em São Carlos

Destacar a importância da cidade e município de São Carlos é essencial para o entendimento da criação e instalação da Escola Industrial.

A fundação da cidade vinculou-se à finalidade de suprir carências comerciais, religiosas, políticas locais, além de facilitar o deslocamento para cidades como Piracicaba e São Bento de Araraquara, esta fundada em 1857. Oficialmente atribuída a Antonio Carlos de Arruda Botelho, Conde do Pinhal, membro da mais rica e importante família local, a fundação traz os seguintes aspectos.

Hegemonia cafeeira, chegada da ferrovia, troca de mão de obra escrava pela assalariada, processos graduais de desenvolvimentos industriais e educacionais são pontos influentes que determinaram o desenvolvimento da antiga São Carlos do Pinhal (referência ao Conde do Pinhal). Em 1908, sua denominação mudou para São Carlos.

O projeto inicial de criação de uma escola profissional nesse município surgiu em 1910 “quando se discutia o destino do prédio construído para ser uma Escola Complementar que, de fato, não foi criada” (BUFFA; NOSELLA, 1998, p. 39). Destacam ainda esses autores que, a instalação de uma usina elétrica em 1907 e de uma ferrovia em 1908, e a intensa participação de imigrantes em diferentes atividades são três marcos que caracterizam a industrialização no município.

A discussão em torno da criação de uma escola profissional aconteceu nesse momento. Via-se um crescente processo de industrialização em terras brasileiras que trazia a necessidade de formar técnicos especializados para atuarem nas indústrias. O fato é que esses técnicos já tinham escolas direcionadas a eles nas grandes capitais e isso tornou um impeditivo para a instalação da Escola em São Carlos, uma vez que, no início do século XX, a cidade ainda demonstrava um crescimento industrial incipiente, tendo o café uma forte influência local.

Revela-se aqui que era mais coerente aos interesses da elite cafeeira local a criação de uma escola humanística tradicional, destinada à formação de suas filhas (ou seria a solução para a erradicação do analfabetismo tão marcado no Brasil republicano?).

Este último fato é constatado por Romanelli (1978, p. 45) quando explica-nos que tínhamos uma economia com base agrícola, sustentada pelo latifúndio e monocultura, em que a modernidade não era necessária. Portanto, a escola, nem ao menos a alfabetização, não oferecia interesse ao homem do campo. No entanto, Escolas Normais foram criadas e a formação de professores primários acontecia. Porém, todas as características – arquitetura, mestres, alunado, saberes ensinados – revelaram ser escolas humanistas tradicionais de cultura geral, destinadas à formação das “moças-bem-nascidas e destinadas a se tornarem esposas, mães e cristãs”.⁶

Quando, em meados dos anos de 1929 e 1930, a lavoura cafeeira foi deixando de se tornar a principal atividade econômica na cidade e o desenvolvimento industrial começou a alavancar, era fato de que a substituição de “mão de obra servil pela mão de obra assalariada” (CORRÊA, 1999, p. 21) justificaria o desenvolvimento educacional de que São Carlos necessitava.

A ideia de criar e de instalar na cidade de São Carlos uma escola de ensino profissionalizante voltava a ser pauta dos assuntos políticos do município entre os anos de 1929 a 1932. E em março do último ano, começou a funcionar.

Nesse período e com os fatos acima apontados, acreditamos que a dualidade escolar tenha sido inicializada na cidade. Com a criação da Escola Profissional, hoje ETE Paulino Botelho, Nosella (2002, p. 87) reforça a ideia de que, antes dessa data, “a sociedade agrária, pré-industrial, alheia ao mundo do trabalho” destinava “as moças bem nascidas” ao ensino oferecido pela Escola Normal, em um prédio luxuoso, em que os saberes escolares, latim, francês e os clássicos evidenciavam o caráter tradicional e socialmente distintivo dessa escola:

Nessa época, não havia escolas especificamente destinadas a formar trabalhadores. Ou seja, nesse momento, não havia propriamente a dualidade do sistema escolar. Tal dualidade surgiu nos anos 30, quando foi criada a Escola Profissional (1932). Tratava-se de uma escola importante para qual o Estado destinava recursos significativos (NOSELLA, 2002, p. 87).

Durante 22 anos a Escola Técnica Estadual Paulino Botelho pertenceu à Secretaria de Educação e foi transferida no ano de 1993, com o Decreto nº 37.735/93, publicado no Diário Oficial de 28 de Outubro do mesmo ano, para a Secretaria de Ciência e Tecnologia, pertencendo então ao Centro Educacional Paulo Souza (CEETEPS).

⁶ Ver mais sobre a história da Escola Normal de São Carlos em NOSELLA, P.; BUFFA, E. *Schola Mater: a antiga escola normal de São Carlos - 1911-1933*. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

As primeiras reuniões do Conselho Estadual de Educação para a criação da instituição aconteceram em 1963, quando surgiu a necessidade de formação profissional para acompanhar a expansão industrial paulista. A ideia de criar um Centro Estadual voltado para a Educação Tecnológica ganhou consistência quando Roberto Costa de Abreu Sodré assumiu o governo do Estado de São Paulo, em 1967.

Em outubro de 1969, o governador Abreu Sodré assinou o Decreto-Lei que criou a entidade autárquica destinada a articular, realizar e desenvolver a educação tecnológica nos graus de ensino Médio e Superior.

No âmbito da educação não formal, o curso de Formação Inicial e Continuada de Trabalhadores, em seu aspecto global, promovido pelo Centro Paula Souza visava preparar o aluno a atuar no mundo do trabalho. Destinava-se à qualificação e requalificação de trabalhadores jovens e adultos, a partir dos 16 anos de idade, independentemente de escolarização prévia, a fim de promover seu ingresso e reingresso no mercado de trabalho, preparando o indivíduo para que se dedicasse a um tipo de atividade profissional na qual, valendo-se de seu esforço, obtivesse bom relacionamento, satisfação para si e para a sociedade em que vive.

A realização deste estudo sobre trajetórias escolares de ex-alunos formados pelo Ensino Técnico das décadas de 1980 e 1990 pretende revelar quais são as necessidades e as expectativas que levaram esses jovens são-carlenses aos bancos escolares da ETE Paulino Botelho. A característica da educação como “direito social” passa a ser progressivamente constituída como um serviço. No que se refere à educação profissional, torna-se interesse direto do capital, ou seja, um ensino voltado diretamente para a formação de mão de obra.

O caráter funcional e preparatório da educação está vinculado à capacitação e ao desenvolvimento de atitudes socialmente consideradas adequadas à formação de profissionais competentes para o trabalho (CORRÊA, 1999, p. 70). Isso foi observado quando três dos ex-alunos encontrados declararam acharem “fraco” o ensino técnico que cursaram, não no sentido de preparação para o trabalho, mas como propedêutico para o ensino superior.

Com essa observação, acreditamos que o dualismo é instalado na cidade de São Carlos com a chegada da industrialização e confirmado a partir da Instalação da antiga Escola Profissional. Para o mercado de trabalho, necessidade de mão de obra qualificada, a Escola cumpre seu papel: *“Acho que meu ensino médio foi fraco, porém me abriu as portas para o mercado de trabalho.”* (Depoimento de ex-aluno n. 3, p. 43). Todos os depoimentos resgatados apontam apreciativos ou depreciativos em relação à qualidade técnica da ETE

Paulino Botelho. O que nos salta os olhos é que a premissa de uma escola para o mundo do trabalho é confirmada por todos, quando revelam o seu percurso profissional.

A curiosidade surge exatamente quando os depoimentos nos apontam que, ao entrar nos anos 90: “a modernização subordinada do capitalismo brasileiro, o Estado propõe o aumento da escolarização dos trabalhadores, mantendo e reatualizando, no entanto, o caráter historicamente dualista da educação escolar brasileira” (NEVES, 2008, p. 104), mais ainda “retorna à cena a velha dualidade estrutural, mesmo porque, originada na estrutura de classes, não pode ser resolvida no âmbito do projeto político-pedagógico escolar” (KUENZER, 2007, p. 30).

3. O QUE REVELAM AS TRAJETÓRIAS DOS SEIS EX-ALUNOS

A dualidade que se configurou com a República no Brasil é perpetuada e percebida até hoje. Pelas trajetórias analisadas podemos interpretar que o fato desses ex-alunos fazerem parte de uma estratificação social média, que anseia por progredir, a opção é a tentativa precoce de profissionalização.

Com as mudanças surgindo na sociedade brasileira, o público destinado ao ensino técnico foi se direcionando:

(...) os destinatários desse tipo de ensino foram se transferindo dos menores que não lhe podiam opor resistência (os órfãos, os miseráveis, os expostos, os desvalidos) para os filhos dos trabalhadores, sem aquelas características distintivas (CUNHA, 2005a, p. 182).

Característica confirmada pelas seis trajetórias encontradas. Filhos de comerciantes, professora, torneiro mecânico, técnico em mecânica, gerenciadoras do lar e escriturário, eles não fogem de seus destinos: os bancos da escola técnica. A intrínseca posição social revela o caminho estruturado por uma sociedade estratificada que os jovens nascidos da classe operária devem seguir.

As escolas profissionais visaram, e ainda o fazem atingir uma categoria específica, filhos de operários, cujo encaminhamento profissional seria o mesmo de seus pais. O trabalho era, e ainda é, o recurso pedagógico tido como possibilidade de regeneração dos indivíduos.

No que se refere ao estudo de Instituições Escolares, Bourdieu dedicou-se a investigar as chances de acessão social por parte dos indivíduos quando projetam a possibilidade de acesso aos instrumentos institucionalizados. Característica esta confirmada nas respostas dadas pelos ex-alunos encontrados nesta pesquisa. Pois, assim que concluíram seus estudos no ensino técnico, garantiram o acesso no mercado de trabalho. A escola é tida para Bourdieu como forma de reprodução social e não emancipação.

Assim, a função das instituições de ensino profissional não se limitava a constituir o mercado de trabalho, apresentava igualmente objetivos de moralização no contexto de expansão industrial.

Mas como é possível fazermos toda esta análise? Estudos sociológicos e históricos puderam nos dar o alicerce para trazer a exemplificação do que até agora mostramos com fatos sociais e históricos característicos de determinadas épocas.

Com estudos sobre Instituições Escolares foi possível aprendermos que a validade da categoria “trajetórias”, como parte essencial da narrativa final de uma pesquisa sobre esse tema, revela que:

O público de uma instituição escolar traz para dentro dela uma certa cultura e um conjunto de valores que podem estar muito próximos ou muito distantes da cultura escolar oficial. Isto faz com que os desafios pedagógicos de cada instituição sejam únicos, o que interfere profundamente no projeto pedagógico de cada unidade escolar (SANFELICE, 2006, p. 23).

Nesta pesquisa, é fato que o número de ex-alunos encontrados não é estatisticamente significativo, levando em conta os fatos previamente explicitados que impossibilitaram sua realização. No entanto, as suas trajetórias exemplificam os fatos que aqui foram mostrados.

Pierre Bourdieu nos ajudou a entender as escolhas desses agentes (ex-alunos) por optarem o ensino técnico, uma vez que realizou estudos empíricos sobre o sistema escolar analisando e considerando as especificidades e autonomia, relativas ao campo econômico.

A partir dessa análise, constatou que existe uma relação intrínseca, mas não determinística, entre o desempenho escolar e a origem social dos agentes escolares. Os conceitos principais que encontramos em sua obra são tidos como “disposicionais”, e tem o intuito de indicar que “a ação depende de disposições incorporadas e assinalam a tendência de reprodução das estruturas” (STEFANINI, 2008, p. 52). Diante disso, construiu um quadro teórico para a análise desses fenômenos educacionais, focando em conceitos como *habitus*, campo e capital cultural.

Ações individuais pautadas por um conjunto de “esquemas generativos”, que presidem a escolha, adquiridas socialmente, a partir da formação inicial em um ambiente específico, conjugada com a posição ocupada no espaço social, conferindo normas e constrangimentos, ou seja, *habitus* é um “princípio gerador e unificador que traduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas” (BOURDIEU, 1996, p. 21).

O conceito acima consiste em um instrumento conceitual que possibilita a apreensão de mediações entre os condicionamentos sociais exteriores e a forma como eles são interiorizados. Tal conceito visa exprimir um sistema de planos individuais, socialmente constituídos de disposições *estruturadas* (no social) e *estruturantes* (nas mentalidades) – adquirido por meio das práticas e orientado para as ações cotidianas. São diferenciados

conforme as posições que os idealizaram, e também deduzidoras, na medida em que operam distinções gerando “práticas distintas e distintivas” (BOURDIEU, 1996, p. 22).

O *habitus* permite expressar as marcas que o mundo social produz nos indivíduos, pela interiorização ou incorporação das estruturas objetivas oriundas do trabalho histórico de gerações sucessivas, desencadeando gostos, atitudes, formas de percepção, pensamentos e sentimentos. São padrões homogêneos encontrados nos agentes, conforme o posicionamento social, isto é, disposições interiorizadas, duráveis e transponíveis, adquiridas em condições específicas de socialização desde a mais tenra infância e que tendem a engendrar todas as práticas possíveis dentro de determinados limites e regularidades.

Com os conflitos de trabalhadores contra mecanismos de coerção advindos da expansão industrial, o ensino profissional passou a incorporar medidas de controle da sua qualificação, com forte ênfase na disciplina.

A marginalidade é vista como um problema social e a educação, como dispõe de autonomia em relação à sociedade, estaria, por esta razão, capacitada a intervir eficazmente na sociedade, transformando-a, tornando-a melhor, corrigindo as injustiças, promovendo a equalização social. Considera-se, portanto, a ação da educação sobre a sociedade. Não é possível compreender a educação senão a partir dos seus condicionantes sociais. Chega-se a conclusão de que a função própria da educação consiste na “reprodução” da sociedade em que ela se insere.

Para Bourdieu, a realidade social inclina para a *reprodução* atingindo as representações do mundo social e as “escolhas” dos agentes. Entendendo que, para o autor, os agentes sociais não são totalmente conhecedores e conscientes dessas escolhas, pois, essas “escolhas” estão totalmente atreladas pela condição de classe.

A escolha própria de um determinado tipo de escola, propedêutica ou profissional, é comprovada pelo pressuposto de que fatores sócio-cultural-econômicos especificam e determinam o início da vida escolar.

Considerando as trajetórias dos ex-alunos da ETE Paulino Botelho, pudemos interpretar que seus percursos escolares estão intrinsecamente ligados ao capital cultural herdado da família, consolidado por meio da socialização, assim como ao *habitus*.

O investimento no mercado escolar tenderia a oferecer um retorno baixo, incerto e a longo prazo. Diante disso as aspirações escolares desse grupo seriam moderadas. (...) Essas famílias tenderiam, assim, a privilegiar as carreiras escolares mais curtas, que dão acesso mais rapidamente à inserção profissional (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 6).

Estudamos que os ex-alunos estão fortemente atrelados às suas realidades sociais, e que, mesmo sutilmente, suas ações dependem das possibilidades objetivas indicadas por essas condições e realidades sociais específicas. O desejo é marcado aqui como algo muito distante das possibilidades objetivas, e se as chances objetivas forem ínfimas, o desejo tende a não existir ou a ser eliminado no transcorrer da trajetória.

De maneira geral, as crianças e suas famílias se orientam sempre em referência às forças que as determinam. Até mesmo quando suas escolhas lhes parecem obedecer à inspiração irredutível do gosto ou da vocação, elas atraem a ação transfigurada das condições objetivas (BOURDIEU, 1998, p. 9).

Isso pode ser detectado quando analisamos as trajetórias dos formandos da ETE Paulino Botelho. Quando revelam a escolaridade ou a profissão de seus pais, declaram que realmente foram destinados a cursarem o ensino técnico. Tendo a história já nos explicitado tal fato, e termos comprovados com os depoimentos, a interpretação que fazemos é que “a alusão depreciativa foi, muitas vezes, descartada por eles, pois afeta não só a dignidade pessoal como a de trabalho realizado pelo indivíduo, que de enobecedor passa a ser discriminante” (CORREA, 1999, p. 110).

Entendemos que esse fator é determinístico a partir do que Bourdieu defendeu do que vem a ser *capital cultural*: “O capital cultural é o elemento da bagagem familiar com maior impacto no destino escolar” (NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A., 2002, p. 21). Para o autor “nem todos os agentes tem meios econômicos e culturais para prolongar os estudos dos filhos além do mínimo necessário à reprodução da força de trabalho menos valorizada em um dado momento histórico” (BOURDIEU, 1998, p. 75).

Notamos aqui que nem sempre o determinante das fronteiras educacionais é o fator econômico. Capitais culturais desiguais contribuem para a reprodução de diferenças sociais, pois:

(...) cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito (BOURDIEU, 1998, p. 41).

Seguindo a perspectiva bourdieusiana, os agentes sociais estão posicionados de acordo com o espaço de disposições presentes na origem social e familiar. No que se refere ao espaço social, define-se, sobretudo, pelo *volume de capital global* dos agentes e grupos –

capital econômico, cultural e social – e pela *composição do capital*, isto é, pelo volume de capital no conjunto dos bens materiais e simbólicos. Assim, a origem social é caracterizada pela posição ocupada nas relações de produção, identificadas principalmente a partir da categoria profissão e da renda, conjugada às disposições interiorizadas, constitutivas de cada segmento social ou fração de classe, isto é, pelo *habitus*.

É posto que os formandos de uma Escola revelam os acontecimentos sociais, econômicos, políticos de determinada época estudada. Ao investigar o que ocorre nas instituições educacionais, evidenciando-se os autores envolvidos no processo educativo, gera-se um conhecimento mais profundo desses espaços sociais.

Com a base estabelecida teoricamente e correlacionando com os fatos históricos, sociais e econômicos, a partir de uma Instituição Escolar, tentamos exemplificar, com os dados que nos foram dispostos nas trajetórias dos seis alunos, o que estas revelam.

4. OS EX-ALUNOS E AS SUAS TRAJETÓRIAS

“As trajetórias, ainda que pessoais (...) revelam a natureza de uma Escola e da sociedade em que os formandos se inserem” (BUFFA; NOSELLA, 2000, p. 72).

As narrativas, em ordem alfabética, relatam as trajetórias dos seis ex-alunos que contribuíram para a pesquisa. Todos os contribuintes fazem parte do mesmo curso - Eletrônica - concluintes de anos diferentes. Dos cursos de mecânica e eletrotécnica não conseguimos nenhum ex-aluno para contar a sua história.

Para a preservação da identidade dos entrevistados, assim como seus endereços para contato, seus nomes não foram divulgados. Estão, portanto, identificados por números.

Ex-aluno 1

Formando da turma de 1990 do curso de Eletrônica. Paulistano de nascença e são-carlense de coração, aos 14 anos, quando estava terminando o ensino fundamental na EEPG “Sebastião de Oliveira Rocha” na cidade de São Carlos, visitou o Colégio Técnico e se encantou pelo curso de eletrônica. Desde pequeno, gostava de brincar de carrinhos e desmontar aparelhos para descobrir o que havia de interessante dentro deles.

Depois daquela visita decidiu que faria o curso. Entrou em conflito com seus pais, que gostariam que ele concluísse Ensino Médio Normal para que, em seguida, cursasse uma faculdade.

Com a matrícula em mãos, o curso técnico já fazia parte de sua vida e, com isso, o novo aluno do Paulino Botelho começava a se destacar. No 2º ano técnico procurou o Professor Maurilo, para que o orientasse no processo de conserto de um vídeo cassete. A partir disso, recebeu um convite para fazer estágio na empresa de locadora de fitas de vídeo cassete e instalação de antenas parabólicas, chamada OMINIVIDEO. O estágio durou até o 4º ano técnico.

Hoje, já como engenheiro eletricista formado pela Universidade Paulista de Ribeirão Preto – UNIP –, sente-se realizado ao entrar em uma sala de aula para compartilhar seus conhecimentos acumulados por quase 20 anos dedicados à eletricidade com os alunos da Escola que o formou técnico eletricista.

1ª Parte: INFÂNCIA (de 0 a 7 anos)

Local e data de nascimento: *São Paulo-SP 26/05/1971*

Profissão do pai: *Comerciante.*

Profissão da mãe: *Professora.*

Escolarização do pai (informe o último grau de instrução): *2º grau técnico em contabilidade.*

Escolarização da mãe (informe o último grau de instrução): *3º grau – habilitação em História.*

Número de irmãos e seu lugar na fratria: *2 irmãs. Sou o 1º filho.*

Residência da infância: *Pompéia, casa térrea alugada.*

Tipo de vida familiar e social durante os primeiros anos de vida (passeios, alimentação, diversão, brinquedos): *Sempre tive de tudo, passeios na praia, playcenter.*

2ª parte: ESCOLARIZAÇÃO

Educação Infantil (pré-escola): *Escola Experimental Dr. Edmundo de Carvalho, escola pública em São Paulo-SP.*

Ensino Fundamental: *1ª e metade da 2ª série na Escola Experimental Dr. Edmundo de Carvalho, São Paulo-SP, período diurno;*

restante da 2ª série, 3ª e 4ª série, na EEPSPG Dr. Pedro Elias, em Uchoa-SP, período diurno.

5ª e 6ª séries: Colégio São José, em São José do Rio Preto-SP, colégio privado. Ano de ingresso: 1982 até 1983, período diurno.

7ª série: EEPSPG “Tonico Barão”, em General Salgado-SP, colégio público. Ano de ingresso: 1984, período diurno.

8ª série: EEPG “Sebastião de Oliveira Rocha”, em São Carlos-SP, escola pública. Ano de ingresso: 1985, período diurno.

Período em que os pais trabalhavam: *Diurno*

Quem o(a) ajudava nas tarefas escolares: *Ninguém e, na 5ª e 6ª série, tive professor particular, nas outras séries, não tinha ninguém.*

Hábitos de leitura. Avalie seu ensino Fundamental: *Sempre gostei de ler histórias em quadrinhos e os livros da editora Érica indicados pelos professores de português.*

O meu ensino fundamental foi muito bom, trazendo muito conhecimento, pois os professores foram excelentes e, nas 7ª e 8ª séries, inclusive, tive aula com minha mãe, no componente curricular de História.

Ensino Médio: ETESG “Paulino Botelho” ou simplesmente, Escola Industrial. Fiz o curso de Técnico em Eletrônica. Ano de ingresso: 1985, ano de término: 1989, ano de conclusão (estágio) 1990.

Para a minha profissão atual (engenheiro), essa escola foi fundamental na minha formação. Foi excelente.

Ensino Superior: UNIP – Universidade Paulista, em Ribeirão Preto; universidade privada, ano de ingresso: 1999, ano de término: 2003, período noturno. O curso superior foi bom – era um passo que eu tinha que dar na minha vida; o conhecimento fornecido pela universidade foi bom – eu acho que, com a estrutura que a universidade tem, esse conhecimento tinha que ser melhor.

3ª parte: VIDA PROFISSIONAL E PESSOAL

1986 a 1992: estágio e técnico em eletrônico na empresa Omni Vídeo, onde aprendi a fazer manutenção de vídeo-games, vídeo-k7 e antenas parabólicas.

1992 a 1993: manutenção de equipamentos de informática na empresa LanData Informática.

1992 a 1996: paralelamente prestava serviços para conserto de equipamentos eletrônicos na Omni Vídeo e na eletrônica Vaccare.

1994: Ingressei na EPTV como técnico de manutenção. Isso foi o grande passo para minha profissão, pois além de ter um bom salário, a empresa custeou 70% do custo de mensalidade da universidade.

Em 2004, passei, junto com a EPTV, a dar aulas na escola industrial. A experiência foi tão boa que, em 2005, saí da EPTV, ficando somente na Escola.

E, em 2006, acabei indo trabalhar na NET São Carlos, já por causa do meu curso superior. Faço isso juntamente com as aulas.

Em 1992 casei e no ano seguinte, tive meu 1º filho. Em 1999 separei-me e fiquei sozinho por 6 meses.

Hoje estou casado novamente, tenho outro filho de 2 anos. O primeiro morou com sua mãe em Portugal nos anos de 2003 a 2007 e, agora mora com a gente aqui em São Carlos. Ele está cursando o 1º ano de ensino médio no Colégio Objetivo e, o segundo, está no maternal I. Como durante a semana o meu tempo é muito curto, não tenho muito tempo de curtir os meus filhos. Já no sábado e domingo, procuro ficar com eles, indo ao shopping, clube, fazendo churrasco, indo na chácara no broa. Também visito minhas irmãs e minha mãe.

Ex-aluno 2

Natural de Votuporanga é formando da turma de 1985 de Eletrônica. O fato de ter sido criado em uma família numerosa e dos pais não serem alfabetizados não foi sinônimo de miséria. Moraram em casa própria no centro de São Carlos. Nunca faltou comida de qualidade e brinquedos simples para todas as crianças da casa.

Frequentou a E.E.P.G “Eugenio Franco” em São Carlos durante o ensino fundamental e ETE Paulino Botelho no Ensino Médio, além de também formar-se em Mecânica Geral no SENAI “Antônio Adolpho Lobbe”. Não contente com seus cursos técnicos/profissionalizantes, graduou-se pela ASSER – Associação das Escolas Reunidas – de São Carlos em Ciência da Computação em 1996. Dedicou-se à vida acadêmica e em 2006 concluiu o mestrado em Física Computacional na USP – Universidade de São Paulo.

Seu depoimento acerca da vida profissional até agora percorrida não economizou linhas, pois detalhou com minuciosa atenção: após completar os estudos no SENAI, em dezembro de 1981, recebeu ofertas de cinco empregos imediatos – Lápis Johann Faber, Sicon (Tecumseh), Pereira Lopes (Eletrolux), Giometti, Alpargatas (Malharia Azouri). Efetivou-se na última empresa e por lá permaneceu por 2 anos e meio como mecânico de manutenção. Foi com esta oportunidade que descobriu não gostar de mecânica. Ingressou então no colégio técnico no curso de eletrônica.

Em agosto de 1984 iniciou o estágio em técnico em eletrônica na USP, no IFSC – Instituto de Física de São Carlos –, e em fevereiro de 1985 foi aprovado em um concurso público como técnico em eletrônica, finalizando as atividades por lá em 1989. Por falta de profissionais na área de informática no mesmo Instituto, passou a ser técnico em informática em 1991.

Atualmente, é analista de sistemas no ScInfor-IFSC-USP/ São Carlos, mas também atuou como professor da Universidade Central Paulista (UNICEP/São Carlos) no curso MBA – "Redes de Computadores e Segurança em Redes de Computadores" e nas Graduações “Redes de Computadores e Sistemas Distribuídos”, “Segurança em Redes de Computadores”, “Estrutura de Dados”.

Não se intimida em falar de sua vida pessoal, exalta suas crenças e agradece a elas todas as suas conquistas.

1ª Parte: INFÂNCIA (de 0 a 7 anos)

Local e data de nascimento: *Votuporanga, 23 de fevereiro de 1965.*

Profissão do pai: *(in memorian) torneiro mecânico.*

Profissão da mãe: *do lar.*

Escolarização do pai (informe o último grau de instrução): *Não alfabetizado.*

Escolarização da mãe (informe o último grau de instrução): *Não alfabetizado.*

Número de irmãos e seu lugar na fratria: *Somos em 9 irmãos e sou o 7º.*

Residência da infância (bairro, tipo de casa): *Centro, casa própria*

Tipo de vida familiar e social durante os primeiros anos de vida (passeios, alimentação, diversão, brinquedos): *sem resposta.*

2ª parte: ESCOLARIZAÇÃO

Educação Infantil (pré-escola): *Não fiz a pré-escola, entrei no primeiro ano direto, não alfabetizado na época.*

Ensino Fundamental: *E.E.P.G “Eugenio Franco”, São Carlos-SP, diurno (manhã).*

Período em que os pais trabalhavam: *Só o meu pai trabalhava, em horário comercial (das 8h às 18h).*

Quem o(a) ajudava nas tarefas escolares: *Fazia as lições de casa na escola mesmo.*

Hábitos de leitura. Avalie seu ensino Fundamental: *Não tinha hábitos de leitura*

Ensino Médio: *1982/1985 – Curso Técnico em Eletrônica – ETSG “Paulino Botelho”, diurno; 1980/1981.*

Curso Profissionalizante em Mecânica Geral – SENAI “Antônio Adolpho Lobbe” – diurno integral.

Ensino Superior: *2003/2006 – Mestrado em Física Computacional (USP- São Carlos), diurno; 1998/2001; Graduação em Ciência da Computação (ASSER- São Carlos), noturno.*

3ª parte: VIDA PROFISSIONAL E PESSOAL

Logo após o SENAI, formado em dezembro de 1981, começa minha vida profissional. Depois desta escola, por ser um bom aluno, recebi ofertas de cinco empregos imediatos naquela época, Lápis Johann Faber, Sicon (Tecumseh), Pereira Lopes (Eletrolux), Giometti, Alpargatas (Malharia Azouri), onde trabalhei por 2 anos e meio, como mecânico de

manutenção. Graças a este trabalho, descobri que a minha vocação não era de ser mecânico, por isso mudei o meu curso para eletrônica;

Em agosto de 1984, comecei o estagio em técnico em eletrônica na USP, no IFSC – Instituto de Física de São Carlos, e em fevereiro de 1985 passei em um concurso publico, como técnico em eletrônica, onde exerci o cargo de técnico em eletrônica até 1989, onde por falta de profissionais na área de informática, passei a ser técnico em informática.

Em 1991 integrei ao grupo na sessão técnica de informática; janeiro de 2002 (atual), concurso para analista de sistemas, ate hoje sou analista de sistemas aqui no ScInfor-IFSC-USP – Projeto, implementação e certificação de redes de fibra óptica; Manutenção de Hardware e Instalação de Software; Desenvolvimento de Páginas WEB dinâmicas; Assessoria e Apoio Técnico aos usuários; Treinamento em Informática · Projetos de cabeamento de fibras Ópticas; Documentação e plantas de projetos de cabeamento estruturado e fibras ópticas; Certificação em fibras ópticas e par trançado Categoria 5, 5 e 6 com pentascanner Fluke DSP4000; Análise da Rede de dados com analisador OneTouch II da Fluke; Implementação de Switches layer 2 e 3 em redes de dados TCP/IP; Instalação e Manutenção em Sistemas Operacionais Windows Vista/XP/2000/ME/98SE e Linux; Implementação e certificação de cabeamentos estruturados; novembro de 2003 (atual) – Agência de Cooperação Internacional do Japão-JICA, desempenhando as atividades de:

Experto em Tecnologias de Comunicação de Dados. Como voluntário.

·No Paraguai como Professor do Curso para instrutores – "Optical Fiber Communication Tecnology-SNPP/PJ.

·Na Guatemala no Projeto de Estruturação da Rede de Comunicação – "Sistema de Comunicação e Interconexão", – IGSS.

·Na Guatemala no Projeto de "Regionalización de Bancos de Sangre – Establecimiento del Sistema de Información" – MSPAS

3.5 – novembro de 2006 (atual) Universidade Central Paulista – UNICEP – Desempenhando as atividades de:

Professor:

Curso MBA – "Redes de Computadores e Segurança em Redes de Computadores"

"Graduação – "Redes de Computadores e Sistemas Distribuídos"; "Segurança em Redes de Computadores", "Estrutura de Dados".

Casado desde janeiro de 1990, e no mesmo ano tive o primeiro filho, hoje com 18 anos de idade, universitário, e em 1996 o segundo filho, hoje na sétima serie do ensino fundamental, com 12 anos de idade. Ainda não temos netos. Somos Católicos.

Graças ao bom Deus, temos uma casa própria, 3 quartos, garagem para 2 carros, cozinha, 2 banheiros, área de serviço, sala de estar e jantar, onde vivemos a mais de 12 anos. Até duas semanas atrás tínhamos 2 carros (roubaram um da minha esposa, mas estamos tentando providenciar outro).

Eu e os meus filhos adoramos jogos, por isso temos 4 vídeo games, geralmente quando se lança algum novo, a gente compra nos finais de ano no natal, a maioria dos jogos em tabuleiro nos temos em casa, War (esses temos 3 versões), banco imobiliário (esse temos 2 versões), hummy cube....

Ex-aluno 3

São-carlense, filho de técnico em mecânica e mãe dedicada aos afazeres domésticos. É formado em eletrônica pela turma de 1995. O mais velho de dois irmãos, não se queixa dos brinquedos de plásticos que animaram sua infância.

Iniciou sua trajetória escolar já na “Pré-Escola José Juliano Neto”. Foi lá também que finalizou o Ensino Fundamental. Criticou o Ensino técnico que frequentou, porém, supriu as carências escolares quando ingressou na Universidade Federal de São Carlos e graduou-se em Engenharia Elétrica no ano de 2002.

Segue uma trajetória diferente dos demais colegas entrevistados. Hoje, mora na Alemanha a convite da empresa Bosch, onde presta seus serviços como engenheiro.

1ª Parte: INFÂNCIA (de 0 a 7 anos)

Local e data de nascimento: *São Carlos, 18 Agosto de 1976.*

Profissão do pai: *Técnico em mecânica.*

Profissão da mãe: *Dona de casa.*

Escolarização do pai (informe o último grau de instrução): *4ª série, 1º grau; SENAI.*

Escolarização da mãe (informe o último grau de instrução): *2ª série, 1º grau.*

Número de irmãos e seu lugar na fratria: *uma irmã, sou o mais velho.*

Residência da infância (bairro, tipo de casa): *Vila Santo Antonio, casa.*

Tipo de vida familiar e social durante os primeiros anos de vida (passeios, alimentação, diversão, brinquedos): *Alimentação saudável e tradicional. Passeava somente na casa de parentes, não possuía brinquedos eletrônicos, somente carrinho de plástico, bicicleta, quebra cabeças.*

2ª parte: ESCOLARIZAÇÃO

Educação Infantil (pré-escola): *Escola Pública – Pré-Escola José Juliano Neto.*

Ensino Fundamental: *Pública E.E.P.S.G Prof. José Juliano Neto.*

Período em que os pais trabalhavam: *Diurno (somente meu pai trabalhava).*

Quem o(a) ajudava nas tarefas escolares: *Ninguém.*

Hábitos de leitura. Avalie seu ensino Fundamental: *Não sou tão fanático por leitura, embora leia com certa frequência. Leio assuntos contemporâneos que me chama a atenção, economia, administração e historia mundial.*

Ensino Médio: *E.T.E.S.G. Paulino Botelho: 1^o ao 3^o colegial juntamente com curso de eletrônica. Diurno. Acho que meu ensino médio foi fraco, porém me abriu as portas para o mercado de trabalho (início: 1992; Término: 1995).*

Ensino Superior: *Me formei engenheiro Eletricista pela USP. Ingressei em 1998 e me concluí em 2002. O curso foi realizado em período integral. Avalio o curso como excelente.*

3^a parte: VIDA PROFISSIONAL E PESSOAL

Após me formar na universidade, trabalhei por 5 anos na Tecnomotor Eletrônica do Brasil em São Carlos, cidade onde nasci e morei até meus 30 anos, quando mudei para Campinas para trabalhar na Bosch, empresa que trabalho atualmente. Sou casado há 6 meses e este ano em particular estou morando na Alemanha a trabalho, motivo pelo qual a acentuação do meu texto está péssima.

Ex-aluno 4

Formado técnico em eletrônica na turma de 1987. Nascido e criado em São Carlos por pais que não completaram o ensino fundamental. Sua infância foi rica, não faltaram alimentos e brincadeiras. É o segundo filho de uma família de três irmãos.

Desde seu primeiro dia de aula, nunca deixou de frequentar as Escolas públicas de São Carlos. Iniciou o ensino fundamental na “Escola Estadual de 1º Grau Professor José Juliano Neto”, formou-se pela “ETE Paulino Botelho” e terminou com seu doutoramento na área de fundamentos da educação pela UFSCar.

Crítico em relação a seu ensino médio, lamenta ter frequentado o ensino profissionalizante, sendo obrigado a resgatar toda a bagagem cultural em sua entrada no curso de pedagogia da UFSCar.

Sua vida profissional é marcada pelos cursos que frequentou. Prestou serviços para oficina técnica de manutenção em aparelhos eletrônicos, lecionou na Faculdade de Agudos, na cidade de Agudos-SP, no curso de Pedagogia e, até o momento, é professor e coordenador do curso de pedagogia da Universidade Paulista (UNIP) em Ribeirão Preto e Araraquara.

1ª Parte: INFÂNCIA (de 0 a 7 anos)

Local e data de nascimento: *São Carlos – 09 de novembro de 1968.*

Profissão do pai: *Escriturário.*

Profissão da mãe: *Dona de Casa.*

Escolarização do pai (informe o último grau de instrução): *Antiga 4ª série do primário.*

Escolarização da mãe (informe o último grau de instrução): *Antiga 7ª série ginásial.*

Número de irmãos e seu lugar na fratria: *2 irmãs (uma mais nova e outra mais velha, sou o segundo na fratria).*

Residência da infância (bairro, tipo de casa): *Vila Nery-São Carlos, casa própria.*

Tipo de vida familiar e social durante os primeiros anos de vida (passeios, alimentação, diversão, brinquedos): *A alimentação era adequada para se ter uma boa saúde (não havia, com frequência, como ocorre hoje, iogurtes, chocolates, pizzas, salgados etc.). Contudo, a alimentação sempre foi rica em grãos, frutas, carnes etc.*

Em relação aos brinquedos, sempre tive praticamente quase todos os brinquedos que queria. Quanto a passeios e diversão, também, dentro do possível, sempre tive, pois ou passeava com os meus pais ou com os pais dos meus amigos e a diversão estava junta.

2ª parte: ESCOLARIZAÇÃO

Educação Infantil: *Não frequentei pré-escola. Na minha época podia adentrar na primeira série do 1º grau sem passar pela pré-escola.*

Ensino Fundamental: *Escola Estadual de 1º Grau Professor José Juliano Neto. Escola Pública. Ano de Ingresso 1976. Ano do Término: 1983. Até a 7ª série estudei no período diurno. Na 8ª série estudei no período noturno.*

Período em que os pais trabalhavam: *Diurno*

Quem o(a) ajudava nas tarefas escolares: Geralmente a minha mãe. Às vezes também a minha irmã mais velha.

Hábitos de leitura. Avalie seu ensino Fundamental: *Eu gostava de ler os livros recomendados pelos professores (principalmente o da coleção vaga-lume) e com frequência lia em casa revistas que o meu pai trazia do emprego, assim como, alguns livros que não me lembro bem, mas tinham em casa.*

Ensino Médio: *O local da Instituição é São Carlos (Vila Nery). Escola Pública. Ano de Ingresso: 1984; término: 1987. Cursei no período noturno. Ensino Profissionalizante (Técnico em Eletrônica).*

Como em 1983 eu comecei a trabalhar em uma oficina de manutenção em aparelhos eletrônicos, optei pelo curso técnico em eletrônica do qual conciliava a teoria com a prática. Foi um ensino bastante fraco, com conteúdos trabalhados superficialmente, que me embruteceu muito intelectualmente. Foram quatro anos de estudo com um percentual de aproveitamento intelectual muito pequeno.

Ensino Superior: *Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pública. Ano de Ingresso: 1996; término: 1999. Período diurno. O que havia intelectualmente embrutecido no ensino médio, resgatei e potencializei no ensino superior. Foi um “banho” de cultura e conhecimento condizente ao que deve ser o ensino superior. Ter dado essa guinada entre curso técnico em eletrônica e curso superior em pedagogia, foi a grande “sacada” da minha vida, pois consegui resgatar conhecimentos vivenciados no ensino fundamental e, é claro, ter ido muito além.*

3ª parte: VIDA PROFISSIONAL E PESSOAL

De dezembro de 1982 a janeiro de 1996 trabalhei em uma oficina técnica de manutenção em aparelhos eletrônicos; De fevereiro de 2007 a junho de 2008 lecionei na Faculdade de Agudos, na cidade de Agudos- SP, no curso de Pedagogia; De agosto de 2007 até o momento leciono e sou coordenador do curso de pedagogia da Universidade Paulista (UNIP) em Ribeirão Preto e Araraquara.

Ainda não tenho filhos. A minha família sou eu a minha esposa que também é professora universitária.

Atividades sociais e familiares que exerce atualmente.

Passeios, cinemas, reuniões de amigos etc.

Ex-aluno 5

Natural de Guariba, também se formou como técnico em Eletrônica pela “ETE Paulino Botelho”. Filho de pais comerciantes e o último na fratria de quatro irmãos.

Vivenciou uma infância de brincadeiras populares e teve a oportunidade de ser presenteado com brinquedos eletrônicos. Ainda em Guariba, frequentou o ensino fundamental e médio. Ingressou no Ensino Técnico quando chegou em São Carlos, em 1986.

Sua trilha profissional segue em outra direção. Em 1995 formou-se em filosofia pelas Faculdades Claretianas de Batatais; em 1999 foi-lhe concedido o título de Bacharel em Teologia pelo Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto-SP; em 2003 especializou-se em Filosofia Clínica pelo Centro Universitário Moura Lacerda – Ribeirão Preto-SP.

Hoje é Sacerdote e Professor de Filosofia e Teologia em Ribeirão Preto, interior de São Paulo.

1ª Parte: INFÂNCIA (de 0 a 7 anos)

Local e data de nascimento: *Guariba-SP 06-07-1971*

Profissão do Pai: *Relojoeiro.*

Profissão da Mãe: *Comerciante.*

Escolarização do Pai: *Fundamental.*

Escolarização da Mãe: *Fundamental.*

Número de Irmãos e seu lugar na fatria: *4 Irmãos – Último.*

Residência da Infância: *Centro – Casa.*

Tipo de Vida Familiar e Social durante os primeiros anos de vida: *Passeios pelo país, alimentação padrão, brinquedos eletro-eletrônicos, Brincadeiras de rua, férias na fazenda....*

2ª Parte: ESCOLARIZAÇÃO

Educação Infantil: *Não freqüentei.*

Ensino Fundamental: *Pública – E.E.P.G. Professor Barros, Guariba-SP, 1977 a 1980, diurno.*

Período em que os pais trabalhavam: *Integral.*

Quem o ajudava nas tarefas escolares: *Sozinho.*

Hábitos de Leitura: *Mínimo.*

Ensino Médio: *Pública – E.E.P.G. Professor Barros, Guariba- SP, 1981 a 1984; 1985: 1º Colegial – E.E.P.S.G. Aurélio Arroubas Martins, Jaboticabal-SP; 1986 a 1988 – E.T.E.S.G. Paulino Botelho, São Carlos-SP.*

Ensino Superior : *1993 A 1995 – Bacharel Em Filosofia – Faculdades Claretianas de Batatais , Batatais-SP. Instituição Privada.*

1996 a 1999 – Bacharel em Teologia – Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto-SP.

2002 a 2003 – Especialização em Filosofia Clínica – Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto-SP.

3ª parte: VIDA PROFISSIONAL E PESSOAL

1989 A 1992 - Ribeirão Preto/SP – Técnico Em Eletrônica em Empresas de Assistência Técnica

1992 – Ribeirão Preto / SP - Jornal Folha De São Paulo – Digitador

Desde 2000 – Ribeirão Preto/SP – Sacerdote E Professor De Filosofia E Teologia.

Ex-aluno 6

Formando da turma de 1984 do curso de Eletrônica, é filho de uma família de classe média da cidade natal, São Carlos. Sua diversão na infância era construir seus próprios brinquedos e não conheceu jogos eletrônicos ou “brinquedos sofisticados”.

Sua trajetória escolar inicia-se na “E.E. Bispo Dom Gastão”, escola esta que despertou sua paixão pela leitura. Quando escreve sobre o Ensino Médio, sua insatisfação com o ensino desse período é grande e isso ficou patente nas linhas de seu depoimento.

Seguiu seus estudos e concluiu o curso de Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Central Paulista (UNICEP), em São Carlos.

Logo que concluiu o segundo grau na “ETE Paulino Botelho”, iniciou suas atividades profissionais em 1985 na CAD (Controle e Automação Digital), especificamente no setor de manutenção e instalação eletrônica, permanecendo por lá até 1987.

Em 2001, foi convidado a trabalhar na Sagra Landauer. Permanece atualmente nessa empresa e ocupa a função de técnico em Eletrônica.

1ª Parte: INFÂNCIA (de 0 a 7 anos)

Local e data de nascimento: *São Carlos, 08/05/1966.*

Profissão do pai: *Aposentado.*

Profissão da mãe: *Doméstica.*

Escolarização do pai: *Ensino Médio.*

Escolarização da mãe: *Ginásio.*

Número de irmãos e seu lugar na fratria: *Dois. Sou o mais velho.*

Residência da infância (bairro, tipo de casa): *Sempre morei na Vila Prado aqui em São Carlos em uma casa de classe média.*

Tipo de vida familiar e social durante os primeiros anos de vida (passeios, alimentação, diversão, brinquedos): Tive uma infância tranquila, fazíamos nossos próprios brinquedos, nos divertíamos muito. Na época não havia vídeo game e nem brinquedos sofisticados. A minha alimentação sempre foi muito saudável, e quanto aos passeios, eram raros.

2ª parte: ESCOLARIZAÇÃO

Educação Infantil: *Não frequentei.*

Ensino Fundamental: *E.E. Bispo Dom Gastão. 1973 a 1980. Período diurno.*

Período em que os pais trabalhavam: *Diurno.*

Quem o(a) ajudava nas tarefas escolares: *Meus pais.*

Hábitos de leitura. Avalie seu ensino Fundamental: *Sempre gostei de ler, nesta fase foi quando eu tive contato com os primeiros livros. Eu contei com uma boa base nesta escola.*

Ensino Médio: *E.E.S.G. Paulino Botelho. De 1981 a 1984. Período noturno. Formei-me em Eletrônica. Já não posso falar o mesmo desta escola, pois, não consegui aprender muita coisa.*

Ensino Superior: *Centro Universitário Central Paulista – UNICEP. Início em 2006 e conclusão em 2009. Período Noturno. Estou muito contente em poder cursar Publicidade e Propaganda na UNICEP. É um curso muito bom, conta com um corpo docente competente.*

3ª Parte: VIDA PROFISSIONAL E PESSOAL

Comecei trabalhando em um escritório aqui em São Carlos quando eu tinha 14 anos, isso em 1980. Não deu muito certo, pois sempre gostei de mexer com manutenção. Não tenho certeza, mas o nome do escritório era Consultec.

Depois disso fui trabalhar em uma loja de sapatos (Rainha dos Calçados), mas fiquei só 15 dias.

No início de 1985 entrei na CAD (Controle e Automação Digital), na parte de manutenção e instalação eletrônica. Fazíamos automação em usinas e destilarias de álcool. Trabalhei até o ano de 1987.

No final de 1987 entrei na Suller, uma empresa de compressores. Trabalhava na área de Elétrica. Como trabalhei por contrato, saí em 1988 para a Hece Máquinas, fábrica de máquinas para corte e solda de plásticos. Fiquei lá de 1988 até 1990.

Saí da Hece e fui trabalhar por conta, fazendo consertos em aparelhos eletrônicos.

Em 2001 fui convidado para trabalhar na Sagra Landauer, firma que faz monitoramento e assessoria em radio proteção, onde trabalho até hoje, na função de Técnico em Eletrônica.

Casei em 2001, tenho duas enteadas, levo uma vida tranquila, apesar da Faculdade me exigir bastante.

Minhas enteadas estão estudando. A mais velha (22 anos) está no 4º ano de Arquitetura na UNICEP, e a mais nova (19 anos) está no 1º ano de T.O. na UNIARA de Araraquara.

Ultimamente estou me dedicando aos estudos e a minha família. Sempre que posso viajo e aproveito esses momentos junto dela.

Infelizmente, em 2007, perdi minha mãe, mas tenho certeza que onde ela estiver está torcendo por mim.

Tenho uma ótima relação com os meus irmãos e com meu pai. Resumindo, sou uma pessoa feliz, cercado por uma família maravilhosa e por bons amigos.

5. CONSIDERAÇÕES

Manifestamos o interesse no estudo de trajetórias com base em investigações sobre Instituições Escolares que as utilizam como fonte para desvendar o papel social que essas estruturas revelam estando inseridas em determinadas e delimitadas épocas da História da Educação.

Tivemos a pretensão de apresentar fatos que pudessem revelar o papel da antiga Escola Industrial de São Carlos, hoje ETE Paulino Botelho.

Forças como mercado de trabalho, políticas econômicas, governamental e empresarial, atuantes no sistema produtivo, em conjunto com a realidade social, determinam o destino de um número significativo de trabalhadores. Com isso, ensaiamos uma conexão entre o panorama histórico-político do Brasil e o município de São Carlos já relatado aqui. A retomada desses determinantes é justificada, pois as trajetórias dos ex-alunos se inserem no período que tentamos resgatar e neles encontramos fatores determinantes que atuaram sobre estas.

Ter sido criada e instalada nessa cidade, a fim de atender as necessidades das indústrias que lá se fixavam, e profissionalizar jovens para atenderem a essa carência são alguns de seus pressupostos.

O caráter autoritário do desenvolvimento capitalista no Brasil, materializado especialmente nos vinte anos de ditadura militar, traz a explicitação do binômio elitismo/exclusão para o sistema de educação; binômio este reforçado pelas políticas neoliberais a partir da década de 1990. O caso específico do Ensino Médio, em razão da dualidade entre ensino propedêutico e profissional se faz valer antes mesmo da promulgação, em 1971, da Lei nº 5.692 e, posteriormente, reforçada na Lei nº 9.394 de 1996, a qual estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Posto isso, referendamos que a dualidade do Ensino Médio não será superada unicamente por uma reestruturação de um projeto pedagógico e curricular no interior da escola, porque isso exige mudanças estruturais nas políticas de Estado e na economia da sociedade brasileira.

Do ponto de vista da nova concepção, tem-se clareza de que ela só será plenamente possível em uma sociedade em que todos desfrutem igualmente das mesmas condições de acesso aos bens materiais e culturais socialmente produzidos. Ou seja, em uma sociedade na qual os jovens possam exercer o *direito à diferença*, sem que isso se constitua em *desigualdade*, de tal modo

que as escolhas por determinada trajetória educacional e profissional não seja socialmente determinada pela origem de classe. Ou, exemplificando, que a decisão de não cursar o nível superior corresponda ao desejo de desempenhar uma outra função que exija qualificação mais rápida, mas que seja igualmente valorizada socialmente, de modo a propiciar trabalho e vida digna. Isso exigiria que, potencialmente, existisse trabalho digno e oportunidades educacionais para todos os níveis (KUENZER, 2007, p. 35).

Apesar das críticas feitas por seus ex-alunos, o ensino técnico em eletrônica especializou seus formandos na área. Talvez, o anseio em aprender mais, obter conhecimentos sobre cultura geral fosse a grande vontade desses alunos. Mas isso estava e está longe do que a Escola Técnica podia – e pode – oferecer.

As análises de estudos sociológicos nos trazem ferramentas para que possamos tentar identificar, analisar e entender os caminhos percorridos pelos seis alunos aqui investigados.

Suas opções escolares nos fizeram entender que a sociedade definitivamente caminha em passos de igualdade com a escola. Uma está entrelaçada com a outra. Os motivos e apontamentos históricos apresentados no início do trabalho confirmaram as objeções. A sociologia concretiza a história e traz o entendimento.

O destino destes agentes sociais, pós passagem pelo ensino técnico, segue caminhos diferentes: padre, operário, professor universitário, executivo, professor do ensino técnico, ou simplesmente técnico. Mas todos sentiram a necessidade de chegar ao ensino superior e aí sim orgulharem-se de ter “adquirido” uma profissão. Agora sou cidadão. Seria este o motivo que levou apenas seis alunos responderem ao nosso Roteiro de Trajetória? Somente os exitosos contam e se orgulham de suas trajetórias escolares e profissionais?

Por mais que o destino social, que o meio familiar e o impulso de uma sociedade forçassem esses jovens a optarem pelo ensino técnico como ascensão social, a necessidade da atualidade os enviou para o ensino superior. Mas não para um ensino superior destinado a formação dos quadros políticos brasileiros. Um ensino superior “trabalhista”, destinado aos trabalhadores.

O percurso escolar é permeado por mecanismos de eliminação mais intensos quanto mais elevado o grau da carreira escolar. O acesso ao ensino superior demonstra uma seleção direta ou indireta com peso desigual sobre os sujeitos de diferentes origens sociais (BOURDIEU, 1998, p. 41).

Mesmo que a Escola Técnica tenha sido avaliada como ruim, fraca e muitas vezes “emburrecedora” por alguns ex-alunos, nenhum deles pode negar o fato de que esse nível de ensino garantiu-lhes acesso ao mercado de trabalho, exercício de atividades remuneradas que os convenceu e os entusiasmou para o ingresso.

“Como em 1983 eu comecei a trabalhar em uma oficina de manutenção em aparelhos eletrônicos, optei pelo curso técnico em eletrônica do qual conciliava a teoria com a prática. Foi um ensino bastante fraco, com conteúdos trabalhados superficialmente, que me embruteceu muito intelectualmente. Foram quatro anos de estudo com um percentual de aproveitamento intelectual muito pequeno” (Depoimento de ex-aluno n. 4, p.45).

O encaminhamento para o ensino técnico foi uma escolha pessoal, incentivada ou não pela família, e com a garantia de já se ter uma profissão ao término da adolescência.

Entendemos que essa escolha pessoal profissional não é fadada ao acaso. Condicionantes econômicos e socioculturais dão orientações para que jovens ingressem no ensino técnico brasileiro:

Infelizmente, a violência da catástrofe social produzida no Brasil pelas classes sociais dominantes condena a grande maioria dos jovens brasileiros à prematura e desesperadora procura de qualquer atividade produtiva social para sustentar a si e a sua família. Essa situação frequentemente acaba por ser internalizada acriticamente pelo pensamento e pela prática pedagógica que, nesse sentido, “prioriza” imediata e empiricamente o princípio da profissionalização do ensino de 2º grau. Achamos que o descalabro social que nega à maioria dos jovens brasileiros uma escola de 2º grau unitária de qualidade não deva, entretanto, determinar nos educadores uma atitude de adaptação acrítica da escola média à irracionalidade social que aí está. De fato, não será deformando a escola que eliminaremos a miséria; ao contrário, assim fazendo será estabelecida a própria irracionalidade como princípio pedagógico do ensino (NOSELLA, 2002, p. 112).

Em linhas gerais, compreendemos que a busca pelo ensino técnico é pautada, em sua maioria, na possibilidade de inserção no mercado de trabalho, para que esta dê a possibilidade de manutenção no ensino superior, que consiste na grande pretensão e na efetiva realização, o que pudemos observar nas trajetórias.

Todos os alunos vislumbraram a atuação profissional na condição de técnicos de nível médio em um primeiro momento, mas aspiraram, em sua maioria, realizar um curso superior.

Entendemos que o ensino técnico foi assimilado por eles como uma “garantia”, a busca pela maior qualificação e ampliação do campo de conhecimento, assim como expectativas de vida e de ascensão social, já que, considerando a posição social e o *habitus*, alcançar o ensino superior não é interiorizado como muito próximo, seja pela dificuldade de aprovação nos seletivos exames das instituições públicas, seja pela indisponibilidade de

capital econômico para custear instituições privadas em primeiro momento, ou seja, logo após a conclusão do técnico.

Nessa direção, a perspectiva sociológica de Pierre Bourdieu nos possibilitou compreender as orientações ao ensino técnico e a busca pela qualificação tendo por base a posição social dos estudantes, analisada a partir do volume de capital econômico, cultural e social, as disposições interiorizadas e as vivências, estudadas a partir das trajetórias familiar, educacional e profissional

Dessa forma, questionamos a noção de qualificação e a necessidade de educação continuada como imperativos que se colocam de forma igual para todos, com aparência de universal e apregoando a igualdade de oportunidades.

Para os ex-alunos encontrados consideramos que o segmento social ao qual pertencem – caracterizado pela carência de capital econômico e cultural – o ensino técnico, historicamente um nível de ensino menor, quando comparado com o propedêutico, consistiu em uma maneira de buscar a qualificação. Seja como uma “garantia” ou um “trampolim” aos estudos universitários, seja pela necessidade financeira de terem que se responsabilizar com as próprias despesas, reforçada pela presença de um *habitus* de valorização do trabalho, na medida em que a mensagem transmitida pela família oscila entre o ideal de longevidade escolar, não muito palpável para esse segmento social, e a necessidade do trabalho.

A busca pelo ensino técnico é amparada no fato dele se apresentar como um meio mais “palpável” de prolongar a escolaridade, de acordo com as disposições interiorizadas que levam à valorização do trabalho e com as dificuldades vividas e observadas de obtenção de um primeiro emprego ou de melhorias nos empregos obtidos.

Verificamos, no entanto, que o ensino superior não constituiu uma barreira escolar e social, mesmo ele vindo a ser efetivado anos após a conclusão do técnico, pois possibilitou a elevação social dos ex-alunos.

Ao longo deste estudo, ensaiamos historiar a criação, a implantação e a evolução da Escola Técnica Estadual Paulino Botelho, a partir das fontes que nos foram possibilitadas.

Comprovadamente requisitada e instalada na cidade de São Carlos, vinculou-se a ela a necessidade de formar mais mão de obra para o crescente parque industrial da região. Assim, levou aos seus bancos escolares, jovens são-carlenses ou não, que buscavam e ansiavam pela melhora nas condições sociais em que estavam inseridos.

Por meio das trajetórias coletadas procuramos interpretar a realidade entre a vida familiar e escolar dos ex-alunos. O uso desse recurso metodológico traz informações capazes de traçar o perfil do público formado por determinada Instituição Escolar. As diferentes

espécies de capital (cultural, econômico e social) estudadas por Bourdieu auxiliam no entendimento do percurso que os ex-alunos fizeram em suas trajetórias.

Concluimos, portanto, que a Instituição cumpriu seu papel de habilitar jovens para o exercício da profissão por eles escolhida, técnico em eletrônica. As determinações político-econômicas concretizaram o direcionamento escolar que queriam dar aqueles que eram considerados os “desvalidos da sorte”, a possibilidade para os filhos da classe trabalhadora. A dualidade da estrutura escolar persiste até hoje. Com ela criou-se um “mito” da necessária igualdade educacional. Tão necessária somente para continuar perpetuando a desigualdade social e educacional no país.

Acrescentaríamos aqui a importância dessa Instituição Escolar para São Carlos. Os estudos sobre sua origem, criação e evolução e cada vez mais frequente e disputado por alunos que anseiam em descobrir os “diamantes” históricos que ela ainda preserva.

As dificuldades para a realização desta pesquisa devem ser mais uma vez aqui ressaltadas.

As fontes documentais ainda não são conservadas pelas Instituições Escolares, tornando cada vez mais difícil buscar, revelar e entender a verdade histórica da Escola em foco. Acreditamos que as relações entre estudo e trabalho, tendo por base a história e a filosofia de Instituições Escolares, seriam mais bem compreendidas a partir da conscientização da preservação de todo e qualquer produto originário de dentro (e também fora) da escola.

O que nos revelariam os arquivos extintos da década de 70? Por quais crises a ETE Paulino Botelho passou que devemos esquecer? O “aborto” das ideias iniciais deste trabalho trouxe a frustração e a tristeza de não conseguir revelar uma história que simplesmente ficará esquecida em algum lugar dessa escola. A memória dos ex-alunos, dos ex-funcionários, ex-professores, ex-diretores não bastará para se concretizar em uma pesquisa educacional.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, F.A. A formação do “cidadão-trabalhador”: educação e cidadania no contexto do “novo industrialismo”. In: NEVES, L. M. W. (Org.). **Educação e política no limiar do século XXI**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008, p. 59-78.

AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos; Editora da USP, 1971.

BRASIL. Secretaria da Educação. **Diretrizes e bases da educação nacional**: documentos básicos para a implantação da reforma do ensino de 1º e 2º graus. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1971.

BRASIL. Ministério da Educação. **O que é Ensino de Segundo Grau**. Brasília, 1985.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

_____. Você disse “popular”? Tradução de Denice Barbara Catani. **Revista Brasileira de Educação**, n. 1, p. 16-26, jan./abr. 1996.

_____. A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATTANI, A. (Org.). **Escritos sobre educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 39-64.

BOURDIEU, P.; BOLTANSKI, L. O diploma e o cargo: relações entre o sistema de produção e o sistema de reprodução. Tradução de Magali de Castro. In: NOGUEIRA, M. A.; CATTANI, A. (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 127-144.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATTANI, A. (Org.). **Escritos sobre educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 71-79.

_____. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, M.A.; CATTANI, A. (Org.). **Escritos sobre educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 217-227.

BUFFA, E. ; NOSELLA, P. **A escola profissional de São Carlos**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

_____. **A Educação negada**: introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea. São Paulo: Cortez, 1991.

CATANI, A. M. A Sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras). **Educação e Sociedade**, Campinas, ano XXIII, n. 78, p. 57-75, abr. 2002.

CORRÊA, A. M. F. **Formação e destinação profissional**: recuperando as trajetórias de alunos do curso de mestrado (1950-1960) da Escola Industrial de São Carlos. Dissertação (Mestrado em Fundamentos da Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1999.

CUNHA, L. A. **Política educacional no Brasil**: a profissionalização no ensino médio. 2. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977.

CUNHA, L. A. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: FLCSO, 2005a.

_____. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: FLCSO, 2005b.

_____. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo**. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: FLCSO, 2005c.

DEMARTINI, Z. B. F. Questões teórico-metodológicas da História da Educação. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (Org.). **História e história da Educação**: o debate teórico-metodológico atual. 2. ed. Campinas: Autores Associados/HISTEDBR, 2000. p. 74.

FRIGOTTO, G. Anos 1980 e 1990: a relação entre o estrutural e o conjuntural e as políticas de educação tecnológica e profissional. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Org.). **A formação do cidadão produtivo**: a cultura de mercado no ensino médio técnico. Brasília: INEP, 2006. p. 25-53.

GARCIA, W.; CUNHA, C. (Coord.). **Politecnia no Ensino Médio**. São Paulo: Cortez; Brasília: Ministério da Educação/SENEB, 1991.

GATTI, JR. D. Reflexões teóricas sobre a história das instituições educacionais. **Revista Ícone**, v. 6, n. 2, p. 131-147, jul./dez. 2000.

GONDRA, J. G. (Org.). **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KUENZER, A. Z. O Ensino Médio agora é para a vida: entre o pretendido, o dito e o feito. **Educação e Sociedade**, Campinas, ano XXI, n. 70, p. 15-39, abr. 2000.

_____. (Org.). **Ensino Médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LAPA, J. R. **Historiografia brasileira contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1981.

LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (Org.). **Marxismo e educação**: debates contemporâneos. Campinas: Autores Associados/HISTEDBR, 2005.

LOMBARDI, J. C.; CASIMIRO, A. P. B. S.; MAGALHÃES, L. D. R. (Org.). **História, cultura e educação**. Campinas: Autores Associados/HISTEDBR, 2006.

MANACORDA, M. A. **Mario Alighiero Manacorda**: aos educadores brasileiros. HISTEDBR, 2006. DVD

_____. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. Tradução de Gaetano Lo Mônaco. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.

_____. **Marx e a pedagogia moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1991.

MOTOYAMA, S. (Org.). **Educação técnica e tecnológica em questão**: 25 anos do CEETEPS, uma história vivida. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

NASCIMENTO, M. I. M. N. et al. (Org.). **Instituições escolares no Brasil**: conceito e reconstrução histórica. Campinas: HISTEDBR/Autores Associados; Sorocaba: UNISO; Ponta Grossa: UEPG, 2007. (Coleção Memória da Educação).

NAGLE, J. Educação e Sociedade na Primeira República, São Paulo, Ed. Pedag. e Universitária Ltda. e Ed. Da USP, 1974.

NAGLE, J. A Educação na Primeira República. In: FAUSTO, B. (Org.). **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: Difel, 1985. Tomo III. v. 2, p. 260-291.

NEVES, L. Brasil, Ano 2000. Uma Nova Divisão do Trabalho na Educação, apud SENRA, A.O. Propostas educacionais da igreja católica sob o neoliberalismo. In: NEVES, L. M. W. (Org.). **Educação e política no limiar do século XXI**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008, p.102-132.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade**, Campinas, ano XXIII, n. 78, p. 15-36, abr. 2002.

_____. **Bourdieu & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NOGUEIRA, M. A. Convertidos e oblatos: um exame da relação classes médias/escola na obra de P. Bourdieu. **Porto, Educação, Sociedade & Culturas**, n. 7, p. 109-129, 1997.

_____. Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais: notas em vista da construção de um objeto de pesquisa. **Teoria e educação**, Porto Alegre, n. 3, p. 69-88, 1991.

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. **Família e escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

NOSELLA, P. **Qual compromisso político?** Ensaio sobre a educação brasileira pós-ditadura. 2. ed. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

_____. **História e filosofia de instituições escolares**: avaliação de uma linha de pesquisa, 2008. CD-ROM.

NOSELLA, P.; BUFFA, E. **Instituições escolares**: por que e como pesquisar. Campinas: Editora Alínea, 2009.

_____. **Schola Mater**: a antiga Escola Normal de São Carlos – 1911-1933. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

_____. **Universidade de São Paulo**: Escola de Engenharia de São Carlos; os primeiros tempos: 1948-1971. São Carlos: EdUFSCar, 2000.

NÓVOA, A. Para a análise das instituições escolares. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (Org.). **História da Educação**: perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas: Autores Associados, 1999.

NUNES, C. História da educação brasileira: novas abordagens de velhos objetos. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, v. 6, p. 151-182, 1992.

PETITAT, A. Entre História e Sociologia: uma perspectiva construtivista aplicada à emergência dos colégios e da burguesia. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 6, p. 135-150, 1992.

RIBEIRO, M. L. S. **História da Educação Brasileira**: a organização escolar. 5. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

ROMANELLI, O. O. **História da Educação no Brasil (1930-1973)**. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

SANFELICE, J. L. História de instituições escolares: apontamentos preliminares. **Revista HISTEDBR on-line**, Campinas, Número especial, n. 8, 2002. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art18.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2005.

_____. História, instituições escolares e gestores educacionais. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, n. especial, p. 20-27, ago. 2006

_____. História das instituições escolares. In: NASCIMENTO, M. I. M.; SANDANO, W.; LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas: HISTEDBR; Autores Associados; Sorocaba: UNISO; Ponta Grossa: UEPG, 2007. (Coleção Memória da Educação).

SAVIANI, D. **A nova lei da Educação: trajetórias, limites e perspectivas**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

_____. Instituições escolares: conceito, história, historiografia e práticas. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 4, p. 27-33, jan./dez. 2005.

SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (Org.). **História e história da Educação**. Campinas: HISTEDBR; Autores Associados, 1998.

STEFANINI, D. M. **As relações entre educação e trabalho nas trajetórias de alunos de uma escola técnica: uma análise a partir de Bourdieu**. Dissertação (Mestrado em Fundamentos da Educação), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

VIDAL, D. G.; FARIA FILHO, L. M. **As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2005.

7. APÊNDICES

7.1 - REGISTRO DE EXPEDIÇÃO DE DIPLOMAS – LIVROS Nº 05, 06, 07.

ALUNOS CONCLUINTES DOS CURSOS DE ELETRÔNICA, ELETRÔTÉCNICA E MECÂNICA: 1980-1996

Curso: Eletrônica

1982

Cláudio Jose da Costa

1983

Antonio Carlos Machado

1984

Dinei Henrique Alvarenga
João Luiz Martins
Luis Fernando Pedrino
Rinaldo Cavaletto

1985

Ademir José Nunes
André Luis Bassolatti
Antonio Wagner Lamon
Arlindo Tadeu César Mouta
Cláudio Massaki Kakuda
Cássio Jose Panza
Dagoberto Picon
Ednelson Mininel
Fernando Tadeu Nogueira
Ivanilda Helena Zucolotto
José Gomes da Silva Filho
João José Lacerda
Joel dos Santos
José Carlos Grosso
Jorge Susuki
Sergio Carlos Gastaldi
José Mario Saracini
Roberto Carlos Prataivieira

1986

Wilson de Oliveira Junior
José Francisco do Nascimento Filho
Abel Adão Crocco
Ardilei Aquio Tahara
Adriano Edson Cerantola
Airton Masci
Agnaldo Aparecido Fratucci
Amaury Pereira
Carlos Eduardo Triques
Edson Tsutomu Tahara
Jose Eduardo Amorim Pires
Josimar Luiz Sartori
Marcos Roberto Musetti
Marcos Samuel Caetano
Vilda Aparecido Rossi

1987

Ângelo Antonio Antonietti
Arino Primenta de Oliveira
Elocides Martins Patrão
Evandro M. Saudel Ribeiro
Fausto Eduardo Prefeito
José Barão Júnior
Patrícia Leon da Rosa

1988

Adilson Matubaro de Santi
Adilson Wong
Alexandre Marletta
Alvacir Aparecido Mota
Fabio Luiz Dagnoni

Flávio Augusto C. Ibelli
Hélio Jose Donisete Trebi
Luis Roberto Contri
Marcelo José Araújo
Marcio Sergio Felício Mauricio Mota
Gomes
Moisés Lucídio
Roberto Wagner Pessa

1989

Flávio Fernando Figueiredo
Jorge Luiz Simões Grillo
José Luis Sundermann
Luciano Garcia Ferreira
Márcia Soeli Estochi
Paulo Henrique Martins
Romeu Lui Filho
Samuel Gatti Robles
Sérgio Rogério de Moraes
Vicente Real Junior
Wagner Roberto Balsani

1990

Antonio de Godoy
Antonio T. Santa Lúcia
Claudemir Donisete Fazzani
Emerson Carlos Pedrino
Gerson Donizete Paiva
Giovani Luis Tonon
Hamilton José Perobon
Isidiel Ferreira
João Francisco Labela
Jorge Luiz Venditti
José Fernando da Costa
José Marcelo Timarco
Ludimare da Silva

1991

Adilson da Silva
Adonis João Belletti
Alizio Domingos Teixeira
André Luis de Oliveira
Aparecido C. G. Bueno
Delphino Elias Filho
Flávio Henrique S. Camargo
Gelson Sandrini
Robinson Nascimento
Rogério Cavaletto
Wagner Luis Borri

1992

Carlos Eduardo A. Garrido
Carlos Eduardo de Vincenzi
Ciro de Oliveira Leite
Cláudio Roberto Manzini
Darlan Machado Meletti
Dener Cezar Ferreira
Dorival dos Santos Junior
Eduardo Kaiser
Gildo Aparecido da Silva
Hebert Marcel Medeiros
Ismael Bueno de Menezes
José Pedro Barboza
José Sérgio Medeiros
Juliano dos Santos Panza
Marcelo A. Ferreira Santana

Marcos Antonio Vittoreto
Marcos Eduardo Donato
Martin Blanco Neto
Paulo César Donizetti
Rogério Martinez
Sandra C. D. Canavarro

1993

Adilson Trevelin
Airton Fernando Bertolucci
Daniel Pinheiro da Silva
Edson Carlos Bertollo
Eduardo Nakamura
Erasco Fidêncio de Godoy
Everaldo Rodrigo Fatore
Heitor José Ferreira
José Roberto Esperança
Marco Antonio Zainon
Marcos Roberto Mazzi
Reginaldo Francisco Izzi
Rivanildo José Menezes
Rogério Poltronieri
Sérgio Henrique Mendonça

1994

Adriana Cava
Ana Paula Gimenez
Antenor Fabbri Petrilli Filho
Eduardo José Ferreira
Evandro José Ferreira
Flávio Wilson P. Ridondaro
Luciano Ricardo Aciari
Luis Carlos Mazzuchi
Marcelo F. Rosa de Moraes
Marcelo Madureira
Mauro Nivaldo Capretz
Oswaldo de Oliveira Gonçalves
Paulo Roberto Mariotto
Rodrigo Calciolari
Rogério Vigatto
Sérgio D. Carvalho Ferreira
Valmir Carlos Oliveira
Wandir Ferreira dos Santos
Evandro Picon

1995

Adailton Ranieri
Adriano André da Silva
Adriano Teixeira Alonso
Airton Aparecido Manzini
Alcimir José do Amaral
Alessandro Anselmo Pereira
Alex Fabiano Ciacci
Alexandre B. T. de Godoy
Álvaro Luiz R. Campaneri
Ana Paulo de Godoy Bueno
Anderson Luiz Vaccare
André Meuzerie
Antonio Carlos dos Santos
Aparecido C. dos Santos
Carla Fabiana B. de Oliveira
Carlos Eduardo Pesatarini
Cláudio André Menegario
Cléber Aparecido Velentin
Daniel Alex Volpiano
Eli Dias Fiorini

Emerson Luiz da Silva
Francisco Marcos Martins
Jean Al. da Silva Costa
João Alexandre Cartolo
João Donizeti F. Neves
João Luis de Oliveira
José Roberto Saga Júnior
José Vicenti Martins
Luis Alberto Luchesi
Mara Cristina Scantilla
Marcilene A. do Pinho
Marcio Batista
Marcio Costa Fonseca
Matozalem Silva Araújo
Maurício José V. Carvalho
Mauro Rogério Serafim
Nilton César Quatrini
Nivaldo César Gaspar
Osmas Trombini
Rafael Leôncio Filho
Reginaldo Antonio Berroca
Reginaldo Batista Coelho
Renato C. P. de Oliveira
Ricardo Fantocone Silva
Rodrigo S. de Abreu
Ronaldo Aparecido Rissatti
Sandro Daniel Rodrigues
Sílvia A. Vicentini Alves
Valcir Aparecido da Silva
Vânia A. F. Formenton
Willian César Zanon

1996

Adilson Pereira de Castro
Aldo Longuinho de Souza
Alessandro Rodrigo Locatti
Antonio Carlos Senise Junior
Antonio Jesus da Silva
Benedito A. Oliveira Junior
Carlos Alberto Chiusoli
Carlos Alberto Paschoalin
Cláudio Rogério dos Santos
Cristiano de Araújo Barbosa
Eder Carlos Poletti
Eduardo Gilberto A. Antonio
Elcio João Baldesin
Fabiano Luis Rodolfo da Silveira
Fábio de Oliveira Costa
Fabrício Rigoni
Fernando Aparecido Rosini
Fernando José Gouvêa
Gustavo de Lima Racy
Hevandyr Barbuto Junior
Jan Carlos Ciscare
Janaina Marques dos Saorensen Santos
Jéferson M. Vieira da Silva
João José Marques Junior
José Carlos Sampaio
Luciano Masahiro Miyata
Luis Jonas Zamariolla
Marcelo Brassolatti
Marcelo Mosquino
Marcio Eliseu Tantarini
Nivaldo Garcez
Patrick Roberto de Oliveira
Reinaldo Donozeti da Silva
Reinaldo Moureira de Souza
Renato Sandrini Barcellos
Ricardo Ferrezini
Rodrigo Abranhão Elias
Rodrigo César Manegoci Eugênio
Ronaldo Montes
Silvio Augusto Giampaolo
Thiago Calin
Vanessa Aparecida Fernandes
Victor Hirochi Nogiri

Curso: Mecânica

1984

Dalmir A. Correa Bueno
Marcos Antonio S. di Santi
Julinho Wong
Milton Aparecido Servilha
Reginaldo Zenatti
Carlos Umberto Mattioli
Edson Arnaldo Afonso
Orlando Carlos de Santi
Renato Gagliardi
Julio Carlos Tangerino

1985

Domingos Baraldo Filho
Ednelson Zmpieri
Antonio Curo Robello
Ary Munerato Filho
Edvaldo Juliano
José Paulo Gomes
Mauro Engelbrecht
Wagner José Bolzan

1986

Antonio Jose de Azara
Arlindo Bonelli
Flavio Henrique de Souza
Luiz Antonio Berrosa
Luiz Antonio Marques
Manoel Batista Prataivieira
Valdir Antonio Parra
Wilson Risardi
Luiz Antonio Ventrasso
Juscelino Martins Pereira
Luis Henrique Nascimento
Mauro Antonio Marango

1987

Ana Paula Virgilio
Célio Fernando dos Santos Camargo
Cláudio Korzimi
Denilson Kleber Vila
Fernando Izael Antonio
Ivania Garbo Olonconivato
José Aparecido Trindade
Luiz Fernando Migliatto
Manoel Ricardo Roncon
Paulo César de S. Gandini

1988

Edemilson Dezinho da Silva
Luis Eduardo Veltrone
Luis Gonzaga G. Junior
Luiz F. dos Santos Maraes
Paulo de Tarso da Silva
Paulo Sérgio Giacometo
Rinaldo Rivelino Marques
Samuel Alvarez
Sidnei Aparecido Gonçalves
Vaudemilson Orlando Perez
Walter César Teyo
Valdir Donizetti Sgobli
Walter Luiz da Silva
Wilson Marcos Mazari

1989

Claudemir Vital
Cláudio Borges de Oliveira
Darci Pereira
Everaldo Daniel Vich Vich
Flávio S. Cordeiro Dias
Gerson Luiz Evangelista
Giovani A. Donizetti Pórra
João Donizetti Francisco Neves

Lazaro Donizeti Bernardo
Marcel Roberto Serantola
Márcio André Chinelatti
Marcos Alvin de Campos
Moacir Carlos Calciolari
Pedro Gaspar Junior
Raimundo Silvio de Mello

1990

Ademir Aparecido Parra
Ana Claudia do Prado
Cláudio Pereira da Silva
Clayton Renato R dos Santos
Luciano Aparecido Leni
Marcelo Alexandre Real
Nelson Sabadini
Sebastião A. Alvarenga

1991

Antonio Marcos Piovizan
Adriana Isabel Hermes
Carlos Alexandre Alves
Ednelson de Almeida
Guilherme A. A. Nóbrega
Jair Erberelli
Jose Benedito Ferreira
Junior Aparecido Assandre
Luis Carlos Mônaco
Marcelo R. Simplicio
Paulo Wilson Martins
Ronato J. de Camargo Junior
Valentim A. Cassiarilani

1992

Alexsandro D. Canavarro
Alexandre de Oliveira Pádua
Almir Rogério Ranieri
Marcos José de Oliveira Branco
Claudinei Pereira
Cláudio Cezar Fábio
Cláudio Marcio Raffa
Edson Neves dos Santos
Emerson Flávio Simões
Jaime Rodrigues da Silva Filho
João Luiz Sacilote
Jose Carlos Fábio
José Fernando Chinaglia
José dos Santos Olaia
Leandro Ivan Sardella
Leonildo Teixeira
Marcos Donizeti Sigoli
Marcos Neo Amaral
Moacir Antonio Basaglia
Roberto Álvares Soares
Rogério Blanco
Samuel Alves Dias

1993

Agnaldo Aparecido Cordeiro
Altevir Preto Cardoso
Anderson Carlos Vargas
Andréa Luciana Venditti
Carlos Henrique Alves
Glauro Roberto Garcia
Jéferson Eduardo da Silva
Lucimara Robes de Oliveira
Paulo Henrique Zacarias
Rover Belo

1994

Adriano Chialoti
André Rogério Neto Dagnani
Aparecido Ailton Pecararo
Carlos Alberto A. Corrêa

Cláudio Roberto Silva
Cleber Luiz Souto
Erickson Olivatto
Fernando José Araújo
Humberto de Conti
José Eduardo Pessa
Márcio Marques da Silva
Mauro S. Paganelli Junior
Moisés Ferreira da Silva
Paulo Rogério Spacca
Ricardo Luiz de Oliveira

1995

Ângelo Gabriel Chianfrone
Antonio C. da Silva Neto
Evandro Porto
Aparecido F. de Camargo
Fernando José de Souza
Flávio Matos de Oliveira
Francisco de Ázara
Geraldo Prataivieira
Harlen Rodrigo de Camargo
José Roberto Pelissari
Lourival Q. S. Sobrinho
Luciano Trindade
Luiz Celso de Almeida
Marcos Ferreira Coelho
Melquisedec Aguiar Ferreira
Odair José Simões
Paulo Rogério Baptistella
Paulo Sérgio Marcatti
Robson de Souza Garcia
Sergio Fernando de Moura
Sergio Roberto Brandão
Sergio Balueiro de Moraes
Vander Roberto Pereira
Wagner Frederico B. Araújo
Paulo Henrique da Silva

1996

Adão Paulo Buzinari
Agnaldo marcianinha Pinto
Agnaldo Oliveira dos Santos
Alexandre Semifoque
Antonio Sérgio Zanetti
Aparecido Thomazi
Cledison Zanetti
Cledson Luiz Gasparoto
Clodoaldo R. dos Santos
Fernando Luiz Montalvão
Florisvaldo Brugnera
Gilberto Factor
José Renato Morreira
Julio César S. Gagliardi
Luciano Rogério Gomes
Marcelo da Silva Nória
Marcelo de Oliveira Pereira
Marcelo Renato Damin
Márcio Favaro Batista
Marcelo Picolini
Marcelo Roberto Godinho
Marcos F. Grandi Filho
Odemar Yukinori Okino
Odir Lopes Querioz
Rita de Cássia Marcizo
Sebastião Alves Moura
Vandelei Borges dos Santos

Curso: Eletrotécnica

1985

Alcides Luis Prando
Izaias Arino Mendes
Sergio Geraldo Berrosa
Luis Clovis Lamon
Nivaldo Ferragini

1986

Elisvaldo Vieira
Jose Benedito de Abreu
Rosana Maria Casali
Marcelo Issao Natsu
Marlene Ferraribi
Roberto Fukuara
Sidinei Rodrigues Campos
Silvia Regina Virgilio

1987

Renato Aparecido Passos
Antonio César de Medeiros Ferreira

1988

César Luiz Magri
Fernando Aparecido Rodrigues
Geraldo Fuequim
Jose Antonio Ferrari
Jose Mauro Buffa
Marco Roberta Tassi
Nebio José Mangerona

1989

Aldo Francisco da Silva Pêra
Antonio Carlos Donato
Alexandre Rocha Carvalho
Antonio Taconelli
Jose Paulo de Oliveira
Marcos V. Leme de Souza

1990

Luiz Fernando Del Ponti
Luis Geraldo Crempe
Maroaldo Cavallaro

1991

Antonio Brazil
Cosme Donizetti mateus
Gilberto Buttera
Isaias Oliveira Cardoso
José Carlos Semansi

1992

Eduardo A. de Souza Pessa
Fernando César dos Santos
Jairo Paulo Mira
José Bento Faxina
Maroaldo Cavallaro
Pedro César Sanchez
Pedro Luis Bertollo

1993

Adriano Aparecido Lourenço
Alessandro Miranda da Silva
Antônio Augusto Leppi
Antonio Benedito Martins
Cleber Richard Machado
Elzo Donizetti Rigo
Luiz Carlos Mascarim
Marcos Aurélio Ferreira
Rodrigo Vera
Rubens Eduardo Peripato
Valdenir Mazzari

1994

Antonio Marcos Esposeto
Claudinei Roberto Muniz
Giovani Lucio Antonio
Paulo Roberto Lopes

1995

Alécio Nogueira Cabra
Antonio Carlos Patrão
Benedito C. da Silva

Carlos Alberto Vicente
Denis Donizetti Françoso
Guilherme Gomes
José Pereira Lima
Severino Leandro dos Santos

1996

Agnaldo Carreiri da Cruz
André Salvador de Paulo
Antonio Marcos Salô
Cássio Aparecido Zago
Genildo Luiz da Silva
Luis Antonio Airoldi
Marco A. da Costa Pedrocchi
Maurício A. de Souza
Nelson Cícero da Silva
Rubens de Campos Junior
Valdemir José Moretti
Alexandre L. de Souza
Antonio Manoel Batista
Edgard André Grossi
Edson Luis Pepato
João Batista da Silva
José Carlos Brugnera
Juliano Siqueira dos Santos
Leôncio F. dos Santos
Paulo César da Silva
Paulo Henrique J. Gini
Roberto Candido Martins
Savério Daniel L. Salvagni

Fonte: “Registro e Controle do Resultado Final de Rendimento Escolar –

Livro de Notas”. Arquivo da secretaria. Registro de Expedição de Diplomas – Livros Nº 05, 06, 07.

Data: Pesquisado em Agosto de 2008.

Alunos: 1980 – 1996

Cursos pesquisados: Eletrotécnica, eletrônica e mecânica.

Série: 4º ano (entre turmas A e B), concluinte

7.2 - MENSAGEM ENVIADA POR E-MAIL AOS EX-ALUNOS LOCALIZADOS

“Olá. Meu nome é Patrícia e sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos).

Estou realizando uma pesquisa com os ex-alunos da antiga *Escola Industrial de São Carlos*. Esta pesquisa tem como interesse a realização de um estudo histórico-sociológico sobre o processo de desenvolvimento do ensino técnico na atual Escola Técnica Paulino Botelho.

Pesquisando nos livros de registro de diplomas da Escola, encontrei seu nome lá. Por isso, gostaria da sua colaboração.

Elaborei, juntamente com meu Orientador, o Professor Doutor Paolo Nosella, um *Roteiro de Trajetória*. Por meio deste, analisarei a história de vida de cada um dos personagens principais de uma Instituição Escolar: os alunos. Como você foi um deles, será que poderia colaborar?

Enviou, em anexo, o Roteiro. Assim que o preencher, poderá retorná-lo a este mesmo endereço eletrônico.

Se tiver notícias ou o contato de algum de seus colegas de turma, por favor, me informe. Os nomes estão no anexo "Alunos concluintes - Escola Industrial"

Qualquer dúvida ou sugestão entre em contato comigo. Estou à disposição.

Desde já, agradeço a atenção.

Até mais,

Patrícia Culhari

Mestranda/08 – PPGE

UFSCar

7.3 - ROTEIRO PARA TRAJETÓRIA

Roteiro elaborado pelo Prof. Dr. Paolo Nosella e pela mestrandia Patrícia Polizel Culhari.

ROTEIRO PARA TRAJETÓRIA

1ª Parte: INFÂNCIA (de zero a 7 anos)

Nome:

Local e data de nascimento:

Profissão do pai:

Profissão da mãe:

Escolarização do pai (informe o último grau de instrução):

Escolarização da mãe (informe o último grau de instrução):

Número de irmãos e seu lugar na fratria:

Residência da infância (bairro, tipo de casa):

Tipo de vida familiar e social durante os primeiros anos de vida (passeios, alimentação, diversão, brinquedos):

2ª Parte: ESCOLARIZAÇÃO

Educação Infantil (pré-escola). Informe o nome e local da Instituição, se pública ou privada:

Ensino Fundamental. Informe o nome e local da Instituição, se pública ou privada, ano de ingresso e término do curso, período (diurno/ noturno)

Período em que os pais trabalhavam:

Quem o (a) ajudava nas tarefas escolares?:

Hábitos de leitura. Avalie seu ensino Fundamental.

Ensino Médio. Informe o local da(s) Instituição(s), se pública ou privada, ano de ingresso e término do curso, período (diurno/ noturno). Caso o curso tenha sido profissionalizante, especifique a modalidade. Avalie seu ensino médio.

Ensino Superior (se tiver). Informe nome e local da Instituição, se pública ou privada, ano de ingresso e término do curso, período (diurno/ noturno). Avalie e justifique.

3ª Parte: VIDA PROFISSIONAL E PESSOAL

Descreva cronologicamente suas principais atividades profissionais, especificando instituições/empresas, locais e tempo de trabalho.

Fale sobre sua família atual e sobre os estudos dos filhos e netos.

Atividades sociais e familiares que exerce atualmente.

Endereços para contato:

Correio Tradicional (rua, número, cidade, estado, CEP):

Telefones:

e-mail:

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)